



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Diana Maria Carvalho Dias

**O lúdico e a consciencialização da
Sustentabilidade Ambiental no desenvolvimento
da expressão motora em idade pré-escolar**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Diana Maria Carvalho Dias

**O lúdico e a consciencialização da
Sustentabilidade Ambiental no desenvolvimento
da expressão motora em idade pré-escolar**

Relatório de estágio
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor António Camilo Teles Nascimento Cunha

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Agradecimentos

Terminada esta etapa importante da minha vida, queria deixar um agradecimento especial às pessoas que me acompanharam e apoiaram ao longo deste percurso que me fez crescer a nível pessoal e profissional.

Queria agradecer ao Professor Doutor António Camilo Teles Cunha, que me orientou e se disponibilizou a responder a todas as dúvidas que surgiram ao longo deste percurso.

Às educadoras, auxiliares e instituições que me receberam e apoiaram ao longo da minha intervenção pedagógica e se disponibilizaram a ajudar-me a enriquecer os meus conhecimentos relativos à prática educativa.

Aos meus pais, irmão e namorado que ao longo destes anos me apoiaram, compreenderam e acreditaram que era possível concretizar este sonho.

A todos os meus familiares que, mesmo mais distantes, nunca deixaram de me apoiar e de incentivar a continuar este percurso.

E um agradecimento muito especial a todas as crianças que me permitiram concretizar todos os projetos que idealizei e me acolheram sempre com muito carinho e tornaram este percurso ainda mais especial.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

O lúdico e a consciencialização da Sustentabilidade Ambiental no desenvolvimento da expressão motora em idade pré-escolar

Resumo

Neste relatório será apresentado o projeto de intervenção pedagógica implementado em contexto de Creche e Jardim de Infância, no âmbito da Unidade Curricular, Prática de Ensino Supervisionada, inserida no Mestrado em Educação Pré-Escolar da Universidade do Minho.

Estes projetos foram desenvolvidos na área da motricidade dando ênfase aos jogos e brincadeiras, pois é a partir deles que as crianças enriquecem as suas destrezas motoras e as capacidades de socialização, comunicação, partilha, entreajuda, criatividade, autonomia e responsabilidade. No entanto, a temática da educação ambiental também está inserida nos dois projetos pedagógicos, uma vez que este é um tópico fundamental e que está presente no dia a dia do ser humano. É por isso importante levar as crianças a refletir e repensar nos seus hábitos e práticas ambientais.

Os projetos de intervenção pedagógica centrados nos interesses das crianças, foram idealizados e trabalhados com base nas observações e reflexões diárias inseridas em contexto de creche e jardim de infância.

No decorrer da prática interventiva as crianças foram desafiadas a dar as suas opiniões e a participar ativamente na realização de cada atividade de forma a manifestarem as suas curiosidades e a expressarem as suas vontades.

O trabalho desenvolvido no decorrer do ano letivo, centra-se na importância da aprendizagem ativa, da observação e da escuta das crianças durante todo o projeto de intervenção pedagógica.

Palavras-chave: Brincadeiras; Crianças; Educação Ambiental; Jogos; Motricidade.

Playfulness and awareness of Environmental Sustainability in the development of motor expression in preschool age.

Abstract

This report will present the pedagogical intervention project implemented in the context of Daycare and Kindergarten, within the scope of the Curricular Unit, Supervised Teaching Practice, included in the Master's Degree in Pre-School Education at the University of Minho.

These projects were developed in the area of motor skills, emphasizing games, as it is through them that children enrich their motor skills and their abilities for socialization, communication, sharing, mutual help, creativity, autonomy and responsibility. However, the theme of environmental education is also included in the two pedagogical projects, since this is a fundamental topic and one that is present in the daily lives of human beings. It is therefore important to make children reflect and rethink their habits and environmental practices.

The pedagogical intervention projects centered on the children's interests were conceived and worked on based on daily observations and reflections inserted in the context of daycare and kindergarten.

During the intervention practice, the children were challenged to give their opinions and actively participate in each activity in order to express their curiosities and express their wishes.

The work developed during the school year focuses on the importance of active learning, observation and listening to children throughout the pedagogical intervention project.

Keywords: Active learning; Children; Environmental education; Games; Motricity.

Índice:

<i>Licença concedida aos utilizadores deste trabalho</i>	ii
Resumo	v
Abstract	vi
Introdução	1
Capítulo I - Enquadramento Teórico	3
1. Motricidade.....	3
2. Jogos e Brincadeiras	4
2.1 Jogos.....	4
2.2 Brincadeiras.....	6
3. Educação Ambiental: Ecovalores/Reciclagem	7
Capítulo II - Contexto e plano geral de intervenção	9
1. Caracterização Geral do Contexto de Intervenção Pedagógica em Creche	9
2. Caracterização Geral do Contexto de Intervenção Pedagógica em Jardim de Infância	11
Capítulo III - Desenvolvimento e avaliação da intervenção	15
3. Projeto de Intervenção Pedagógica em Creche.....	15
3.1 Apresentação	15
3.2 Tema e objetivos do projeto	15
3.2.1 Tema	15
3.2.2 Objetivos	15
3.3 Contexto	16
3.4 Enquadramento contextual e teórico – razões das opções tomadas	16
3.5 Estratégias de intervenção.....	19
4. Avaliação geral do projeto em contexto de Creche.....	20
5.1 Apresentação do Tema.....	21
5.2 Objetivos.....	21
5.3 Enquadramento de Estudo	22
5.4 Estratégias de Intervenção.....	23
5.5 Calendarização.....	24
6. Atividades realizadas no âmbito do projeto em contexto de jardim de infância:	25
6.1 Atividade N°1 – Pote da Amizade.....	25
6.2 Atividade N°2 – Jardim Suspenso	27
6.3 Atividade N°3 – Teatralização da lenda e Cestas de São Martinho	29
6.4 Atividade N°4 – Danças da Lateralidade	30

6.5 Atividade N°5 – Jogo do “Rato e do Gato”	32
6.6 Atividade N°6 – Jogo da “Bola invisível”	32
6.7 Atividade N°7 – “Regadinho”	33
6.8 Atividade N°8 – “Comboio às escuras”	34
6.9 Atividade N°9 – “Desenho Mágico”	35
6.10 Atividade N°10 - “Calendário do Advento”	36
6.11 Atividade N°11 – Semana das Artes.....	37
6.12 Atividade N° 12 – Circuito	44
6.13 Atividade N°13 – Presépios	46
6.14 Atividade N° 14 – Ornamentos.....	47
6.15 Atividade N° 15 – Jogo do Bowling.....	48
6.16 Atividade N° 16 – Fantoches	49
6.17 Atividade N°17 – Paraquedas Arco-Íris	50
6.18 Atividade N°18 – Jogo de Cintura.....	51
6.19 Atividade N°19 – Autorretrato das Emoções.....	52
7. Atividades complementares ao Projeto.....	53
7.1 “Caixinha das Sensações”	53
7.2 “O que mudou?”	54
8. Avaliação geral do projeto em contexto de jardim de infância	54
Capítulo IV – Reflexão Geral da Intervenção	57
Referências Bibliográficas	59

Introdução

O presente relatório de estágio do curso Mestrado em Educação Pré-Escolar da Universidade do Minho insere-se no âmbito da Unidade Curricular de Estágio e fundamenta os projetos de intervenção pedagógica desenvolvidos nos contextos de creche e jardim de infância, sob a supervisão do Professor Doutor António Camilo Teles Nascimento Cunha.

No decorrer do segundo semestre relativo ao ano letivo de 2020/2021, desenvolvi dois projetos durante o estágio. Inicialmente em contexto de creche, não foi possível a realização das atividades propostas no projeto de intervenção pedagógica devido à situação pandémica atual, uma vez que levou ao encerramento de todas as instituições e conseqüentemente a uma paragem obrigatória na minha prática pedagógica. Contudo, o mesmo não se sucedeu posteriormente em contexto de jardim de infância, o que me permitiu realizar todas as propostas de atividades implementadas no projeto e responder de forma positiva a todos os desafios sugeridos pelas crianças e educadora.

No desenvolvimento deste relatório serão apresentadas as temáticas, os objetivos, as atividades e as reflexões diárias que se enquadraram ao longo do estágio nos locais/ambientes supracitados.

Primeiramente, iniciei a minha prática pedagógica em ambiente de creche numa sala com idades compreendidas entre os 2 e os 3 anos. Já a minha segunda intervenção pedagógica decorreu em contexto de jardim de infância, sendo este constituído por crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos.

Com base nos dados apresentados e nas observações realizadas, neste relatório pretendo descrever e refletir sobre toda a prática pedagógica que foi desenvolvida ao longo dos meses de estágio, demonstrando os desafios mais significativos e as competências adquiridas pelas crianças nas mais diversas atividades.

Relativamente ao estágio realizado em creche, propus um projeto direcionado para a área da motricidade com base nas anotações e observações diárias. O projeto de intervenção pedagógica teve como temática “As histórias, o movimento (jogos e brincadeiras) e a reciclagem”, três pontos que se interligaram ao longo das semanas de estágio com o grupo, com particular destaque para o último tópico, o qual estava já inserido na temática e nos objetivos anuais da instituição. Por sua vez, a ideia das histórias e do movimento surgiu por iniciativa das próprias crianças, as quais, perante os desafios diários colocados, optavam maioritariamente das vezes pela leitura de histórias e contos ou por atividades físicas e lúdicas no polivalente com recurso ao material didático de educação física.

Apesar de breve, foi um estágio enriquecedor do ponto de vista profissional, uma vez que me permitiu fortalecer aptidões previamente adquiridas e obter novas capacidades e competências pedagógicas, com um impacto pessoal que superou enormemente as expectativas com que iniciei a prática profissional. Contudo, devido à situação pandémica atual, tornou-se impossível implementar na prática o projeto pedagógico, sendo que, durante o isolamento procurei partilhar atividades com o grupo através da educadora cooperante, mas nunca chegaram a ser realizadas pois a comunicação entre os pais e a educadora não estava a ser constante.

Por sua vez, inicialmente, no meu estágio em jardim de infância, foquei-me apenas na observação das atividades diárias pré-estabelecidas pela educadora cooperante para as crianças. Tanto as atividades como a reação das crianças às mesmas e o seu conseqüente comportamento foram anotados por mim em registos diários coletivos. Desta forma, pude perceber a importância que o desenvolvimento da exploração motora (decorrente das atividades mencionadas) trazia para o grupo. Numa fase posterior e focando-me nos objetivos que previamente estabeleci para o presente projeto, procurei explorar com o mesmo grupo as áreas da motricidade fina e grossa, através da realização de jogos e brincadeiras que não só explorassem estas áreas, mas também que inserissem o tema da instituição – “Ecovalores”. Daí o título do projeto de intervenção pedagógica: “Motricidade: Jogos e Brincadeiras”.

Em suma, através das observações realizadas durante as intervenções pedagógicas em ambas as instituições, desde a rotina diária às decisões e escolhas de jogos e brincadeiras, constatei que, em ambos os grupos, as atividades propostas pelas educadoras cooperantes se centravam na aprendizagem ativa e conseqüentes reações dinâmicas e estimulantes por parte das crianças.

Capítulo I - Enquadramento Teórico

1. Motricidade

“Os movimentos dos grandes músculos – andar, correr, trepar, transportar – definem, em grande parte, o modo como as crianças exploram e constroem o conhecimento sobre si próprias e sobre o mundo em seu redor” (Post & Hohmann, 2011).

Desde o primeiro momento de vida que a criança interage com o mundo através do movimento. A sua aprendizagem motora inicia-se desde muito cedo ao estar em contacto com diversos estímulos motores do meio envolvente. Este é utilizado pela criança como uma linguagem, tanto para agir com o meio envolvente como para comunicar com as pessoas.

Quando a criança ingressa numa creche, é de extrema importância que o educador realize atividades no âmbito da motricidade de modo a permitir à criança desenvolver habilidades que potencializem um melhor desempenho escolar.

Segundo o documento da OCEPE (2016, p. 43), relativo ao domínio da educação física, é possível afirmar que “o corpo, que a criança vai progressivamente dominando desde o nascimento e de cujas potencialidades vai tomando consciência, constitui um meio privilegiado de relação com o mundo e o fundamento de todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem.” Neste sentido, de acordo com o mesmo documento, a abordagem globalizante da Educação Física permite à criança “(...) um desenvolvimento progressivo da consciência e do domínio do seu corpo e, ainda, o prazer do movimento numa relação consigo própria, com o espaço, com os outros e com os objetos.”

Para além das componentes física e social, o desenvolvimento intelectual e emocional é também um dos principais marcos facilmente influenciáveis pela estimulação motora desde idades jovens. Segundo Kolyniak (2010) cit. por Almeida, (2017, p.42), “a motricidade refere-se, portanto, a sensações conscientes do ser humano em movimento intencional e significativo no espaço-tempo objetivo e representado, envolvendo percepção, memória, projeção, afetividade, emoção, raciocínio. Evidencia-se em diferentes formas de expressão – gestual, verbal, cênica, plástica, etc..”.

Assim sendo, é importante referir que a motricidade tem um elo de ligação com as mais variadas áreas de desenvolvimento e por isso torna-se fundamental promover desde cedo a sua prática. Tal como o documento da OCEPE (2016, p.44) refere, “O domínio da Educação Física relaciona-se com a área de Formação Pessoal e Social, pois contribui para o desenvolvimento da independência e autonomia das crianças e das suas relações sociais, constituindo ainda uma ocasião de promover estilos de vida saudável, ao fomentar a prática regular do exercício físico e o contacto com a natureza.

Articula-se assim com o Conhecimento do Mundo e também com outros domínios da Área de Expressão e Comunicação, estando relacionada com a Educação Artística, nomeadamente com a Dança e a Música, pois favorece a vivência de situações expressivas e de movimento criativo utilizando imagens, sons, palavras e acompanhamento musical. Tem ainda ligação com a Linguagem Oral (identificação e designação das diferentes partes do corpo) e com a Matemática (representação e orientação no espaço).”

2. Jogos e Brincadeiras

2.1 Jogos

Desde muito cedo que o jogo está presente nas mais diversas comunidades, subsistindo até aos tempos de hoje. O jogo sempre se revelou muito importante para as relações humanas presente sob a forma de diversão, trabalho ou festa.

Neste sentido, Huizinga (1983) cit. por Ribeiro, (2011, p.16) defende que “(...) a atividade lúdica está na base do surgimento da civilização, assim como o raciocínio esteve na base do surgimento do Homo Sapiens (...)” e o jogo “ (...) surge como qualquer outra atividade social, delimitada no tempo e no espaço, seguindo um conjunto de regras, simultaneamente consentidas, mas obrigatórias, com um fim determinado e acompanhado de tensão e alegria.”

Assim, o jogo proporciona às crianças a integração numa comunidade, a socialização e o descobrimento do mundo e de novas experiências. É através dos jogos que as civilizações se desenvolvem, uma vez que, integram uma variedade de temáticas físicas, intelectuais, matemáticas, linguísticas e científicas.

Grigorowitschs (2009) cit. por Sarmento (2017, p.16) afirma que “o jogo infantil coletivo constitui-se como um imenso campo gerador de novas amizades e potenciador da aquisição de novas competências pessoais e sociais, onde as crianças aprendem as regras da sã convivência e da cooperação entre si, a querer ganhar e a saber perder, enfim, a cultivar padrões de autoestima que muito lhe aproveitarão vida fora, uma vez que a expressão do jogo tem muito que ver com a vida social da criança.”

Neste sentido, encara-se o jogo como uma atividade lúdica capaz de envolver intensamente o sujeito e apagar por completo qualquer interesse material. O jogo vai muito mais além da parte lúdica que o caracteriza. O desenvolvimento e a promoção de jogos enriquecem todas as áreas do

conhecimento e permite à criança expressar-se livremente através de momentos de alegria, espontaneidade, prazer e diversão.

No entanto, jogos e brincadeiras são distintos, uma vez que se entende por jogo todos os momentos de diversão regrados, ao passo que as brincadeiras são todos os momentos livres, espontâneos e criativos vividos pelas crianças.

Estimulado por uma necessidade lúdica, o sujeito joga adaptando um conjunto de capacidades mentais, físicas e sociais, daí a importância da diversidade de jogos e de desafios apresentados às crianças, uma vez que permite promover a imaginação, a ação criativa e o pensamento espontâneo. Com isto, a prática de exercício físico é resultado destes momentos didáticos que permitem aos sujeitos desenvolver a motricidade, a sociabilidade, a assimilação de regras e a autonomia.

Tal como Bruner (2001) cit. por Sarmento (2017, p.17) refere, “os jogos da infância refletem indubitavelmente os ideais da sociedade adulta; e o jogo é um processo de socialização que prepara a criança para assumir o seu lugar nessa sociedade.”

Também Piaget (1940-1945) apoia-se nos estudos que realizou, considera que todos os seres humanos, ao longo do seu desenvolvimento, passam por uma sequência de mudanças ordenadas e previsíveis. A estas sequências Piaget designou de estágios. Nesta perspetiva, o desenvolvimento cognitivo de uma criança é uma evolução gradual que se vai tornando complexo e difícil à medida que o nível de aprendizagem aumenta.

“As fases do desenvolvimento cognitivo segundo Piaget são: sensório motor (0 a 2 anos), pré-operatório (2 a 7 anos), operatório-concreto (7 a 12 anos) e operatório-formal (a partir dos 12 anos). No sensório-motor, a criança baseia-se principalmente em perceções sensoriais e esquemas motores para a resolução de seus problemas. Neste estágio acredita-se que a criança não tem pensamentos uma vez que não dispõe da capacidade de representar eventos assim como referir-se ao passado e ao futuro. É importante saber que até então a criança age sobre o meio por ações reflexas e que vai adquirindo noções de tempo, espaço e causalidade através do convívio tido com o ambiente. A etapa pré-operatória é caracterizada pelo aparecimento da linguagem oral e é a partir daí que a criança começa a formar esquemas simbólicos com os quais a mesma consegue substituir ações, pessoas, situações e objetos por símbolos (palavras). O pensamento nesta fase do desenvolvimento é conhecido como pensamento egocêntrico (pensamento não flexivo, que tem como ponto de referência a própria criança; uma de suas características é a atribuição de sentimentos e intenções a coisas e animais - animismo) e as ações são irreversível, ou seja, a criança não consegue perceber que é possível retornar mentalmente ao ponto de partida. É no estágio pré-operatório que o pensamento lógico e

objetivo adquirem preponderância e as ações se tornam reversíveis, portanto móveis e flexíveis. O pensamento passa a ser menos egocêntrico e a criança consegue construir um conhecimento mais compatível com o mundo que a rodeia (sem mistura do real com o fantástico). Por fim, na etapa operatório-formal o pensamento se torna livre das limitações da realidade concreta, o que faz com que a criança consiga trabalhar com a realidade possível além da realidade concreta” (Luiz et al.,2014).

Segundo Barbosa e Botelho (2008), em “Jogos e brincadeiras na educação infantil” e de acordo com Piaget “as manifestações lúdicas acompanham o desenvolvimento da inteligência uma vez que se vinculam aos estágios de desenvolvimento cognitivo. Seguindo a ideia mencionada por Negrine de que na teoria piagetiana a assimilação e acomodação são levadas ao equilíbrio no ato da inteligência, é cabível dizer que ao jogar na atividade lúdica infantil a criança assimila novas informações bem como as acomodam nas suas estruturas mentais” (Luiz et al.,2014).

2.2 Brincadeiras

É possível afirmar que onde existe uma criança existe brincadeira, isto porque brincar é uma necessidade para qualquer criança. Por outro lado, quando não o observamos é sinal de que algo não está bem. Neste sentido, os jogos e brincadeiras tornam-se, para os adultos que acompanham as crianças, um bom método para identificar sinais de alarme.

As brincadeiras proporcionam às crianças a liberdade de se exprimir e expressar as suas motivações e necessidades em explorar o que as rodeia. Estas experiências e estímulos são fundamentais nos primeiros anos de vida do ser humano.

Quando as crianças têm a liberdade de brincar torna-se muito prazeroso estes momentos para elas e proporciona-lhes um estímulo à sua imaginação, integração, partilha e diálogo entre os pares. É um facto que brincar oferece muitos benefícios ao desenvolvimento da criança. Deste modo, preservar os jogos e brincadeiras nas escolas é fundamental, uma vez que as crianças não têm a possibilidade de o fazer em casa, devido a fatores de tempo e espaço.

No dia a dia o tempo é cada vez mais escasso, os adultos passam a maior parte do tempo no trabalho e as crianças na escola. Nas grandes cidades as crianças vivem em apartamentos sem jardim ou espaços amplos e seguros para poderem brincar no exterior.

Estes fatores, consequentes da evolução da vida humana, influenciam muito as atividades e momentos lúdicos que se proporcionam às crianças fora do contexto escolar. Neste sentido, ao longo

dos anos, os mais pequenos foram perdendo toda a riqueza e variedade de jogos e brincadeiras que os adultos aprenderam e jogaram nas suas idades.

Contudo, é através dos jogos e brincadeiras que as crianças desenvolvem os seus conhecimentos, autonomia, sociabilidade, criatividade e habilidades motoras. Quando as crianças têm a liberdade de se deslocar a espaços amplos, como a rua ou parques, para brincar desenvolvem-se ao nível da motricidade, das emoções, da cultura e da socialização.

É de salientar que o brincar deve estar presente no quotidiano de todas as crianças através de brinquedos, jogos, teatros e puzzles. A utilização destes materiais é fundamental para estimular o lúdico e ampliar conhecimentos da cultura lúdica tradicional, com a ajuda e convivência entre as crianças e os adultos.

Segundo Vygotsky (1984) cit. por Zanella (1992), quando as crianças criam uma situação imaginária existe sempre regras nessas brincadeiras, porque, a partir do momento em que existe uma situação imaginária esta tem algumas regras de comportamento pelas quais as crianças se orientam e representam nas suas brincadeiras.

O mesmo autor afirma que a aquisição do conhecimento ocorre através das zonas de desenvolvimentos: real ou próximo. Segundo o autor, “Zona de Desenvolvimento Real” ocorre quando a criança já adquiriu o conhecimento, enquanto que, “Zona de Desenvolvimento Próximo” só é atingido, inicialmente, com o auxílio de pessoas com mais conhecimentos, isto é, que já o adquiriram.

Em continuação, classifica as brincadeiras por fases: na primeira fase a criança começa a distanciar-se do seu primeiro meio social, começa a andar, a falar e a movimentar-se pelo espaço em volta de objetos. A segunda fase é caracterizada pela imitação, quando as crianças copiam as atitudes dos adultos, isto é, aquilo que observam. A terceira fase associa-se às convenções marcadas por regras.

3. Educação Ambiental: Ecovalores/Reciclagem

A educação ambiental promove uma reflexão sobre a proteção da biodiversidade, do território, da paisagem e sobre as causas das alterações climáticas.

A integração da educação ambiental nas escolas consiste na promoção de valores e na mudança de comportamentos face ao mundo em que vivemos. Esta temática tem como objetivo alertar e preparar as crianças para uma prática de cidadania consciente e informada face às problemáticas ambientais em que vivemos. Posto isto, é de salientar que o educador/professor deve alertar as crianças para a

realidade ambiental, de forma a que cada vez mais a sociedade tenha em consideração que os recursos naturais são limitados e que o principal responsável pela degradação é o ser humano.

Deste modo, torna-se importante a envolvimento e a consciencialização das crianças desde cedo nesta temática, pois eles são a sociedade do futuro e é preciso prepará-los para os danos que foram causados ao longo de décadas pelo ser humano.

Por este motivo é pertinente desenvolver atividades que promovam e despertem os mais pequenos sobre boas práticas ambientais.

Capítulo II - Contexto e plano geral de intervenção

1. Caracterização Geral do Contexto de Intervenção Pedagógica em Creche

O estabelecimento onde realizei a Prática de Ensino Supervisionado é uma instituição particular de solidariedade social que nasceu da associação de um grupo de trabalhadores da unidade fabril. As suas instalações abriram após assinado um protocolo entre a unidade fabril e a autarquia regional em colaboração com o Centro Regional de Segurança Social, com o objetivo de prestar serviços sociais à população.

Atualmente esta associação contém creche, jardim de Infância e ATL. A instituição facultava ainda a todas as crianças uma diversidade de atividades extracurriculares como educação física, inglês, música, dança e informática e funciona entre as 7:30h e as 19:30h.

O projeto de intervenção pedagógica foi planeado com base num grupo homogéneo com idades compreendidas entre os 2 e os 3 anos e com o apoio da Educadora Cooperante. A sala é constituída por vinte crianças, dos quais seis são raparigas e catorze são rapazes. Este projeto interligou a temática da instituição, a “reciclagem”, e as vontades e curiosidades das crianças. Desta forma atribuí ao projeto o tema “As histórias, movimento (jogos e brincadeiras) e reciclagem”.

Nas minhas primeiras observações verifiquei que o grupo já demonstrava muita independência na sua higiene e alimentação, apesar de por vezes ainda pedirem auxílio ao adulto mais próximo. No entanto, esta autonomia era diariamente estimulada nas atividades e rotinas propostas pela educadora.

A sala, o espaço e as rotinas estavam organizados segundo a metodologia *High Scope*, que se apoia na aprendizagem pela ação e no desenvolvimento de práticas educativas que assentem no progresso natural das crianças, encarando estas como seres competentes e promotores ativos do seu conhecimento e desenvolvimento. Esta encontrava-se organizada e com espaços planeados e equipados para responder às necessidades das crianças. A sala era um espaço amplo que dispunha de diversas áreas de desenvolvimento, assim como a área da cozinha, da biblioteca, das construções, dos jogos, dos brinquedos, da expressão plástica e dos momentos de grupo onde se cantava os bons dias, marcava as presenças, o estado do tempo e se fazia a eleição do rei do dia. O fraldário e as camas para a sesta encontravam-se numa sala ao lado onde as crianças mais pequenas, com o auxílio de um adulto, também faziam a sua higiene ao longo do dia.

Este espaço dispunha de muita luminosidade devido às janelas de grande dimensão que o compunha. Na porta existia uma vedação para que as crianças não passassem e a sala pudesse estar

com a porta principal aberta. Ao nível de equipamentos de aquecimento, esta dispunha de radiadores que mantinham a sala a uma temperatura agradável para o grupo. Nas paredes estavam dispostos grandes placares que serviam para fixar os trabalhos que as crianças realizavam ao longo do ano.

A rotina diária, também ela orientada pela metodologia *High-Scope*, caracterizava-se por momentos de pequeno e grande grupo, englobando o método planejar-fazer-rever. A manhã iniciava-se com a canção dos “Bons dias”, seguida das novidades, da eleição do rei do dia, da marcação das presenças e do preenchimento do quadro do tempo. Posteriormente, em roda, cada criança tinha a oportunidade de fazer escolhas individuais e de decidir a área para a qual queria brincar. A educadora fomentava estes momentos de escolha como forma de promover a linguagem, a autonomia e a consciencialização das áreas existentes na sala. Ainda na parte da manhã era realizada uma atividade em pequenos grupos de forma a avaliar as competências que cada criança desenvolvia ou demonstrava já ter adquirido na atividade. Durante a tarde realizava-se as atividades em grande grupo.

Uma rotina diária consistente permite às crianças prever o que se sucede de forma a não provocar uma transferência íngreme de momentos e atividades diárias. Nesta perspetiva, o grupo já conhece a rotina do dia o que lhes permite precaverem-se nos momentos de arrumação de material e das áreas, na deslocação para a higiene antes e depois do almoço, nos momentos de sesta, nas atividades de pequeno e grande grupo e nas extracurriculares, facilitando assim a passagem entre estes momentos e potenciando uma sequência suave sem pressões sobre as crianças.

A rotina da sala decorria da seguinte forma:

09:00 – 09:30 - Acolhimento da manhã;

09:30 – 10:00 - Jogos e brincadeiras livres;

10:00 – 10:30 - Lanche da manhã;

10:30 – 11:30 – Atividade em pequeno grupo ou individual;

11:30 – 11:45 – Arrumação da sala e higiene pessoal;

11:45 – 12:30 – Almoço;

12:30 – 12:45 - Higienização;

12:45 – 15:00 – Sesta;

15:00 – 15:30 – Momento de grupo em roda;

15:30 – 16:00 – Atividade em grande grupo;

16:00 – 16:30 – Lanche da tarde;

16:30 – 17:00 – Brincadeiras livres;

O educador é um auxiliar na promoção de atividades e da autonomia da criança e tem por isso o dever de corresponder às necessidades coletivas e individuais. De forma a poder desenvolver estratégias, o educador precisa de se preparar previamente através de observações, planificações e registos que facilitam a interpretação das ações das crianças.

Assim, o educador tem um papel fundamental na planificação e desenvolvimento de um ambiente educativo estimulante e enriquecedor, que favoreçam e respondam às necessidades de cada criança, proporcionando-lhes uma diversidade de oportunidades de aprendizagem.

2. Caracterização Geral do Contexto de Intervenção Pedagógica em Jardim de Infância

A sala onde realizei o meu estágio supervisionado e no qual realizei o meu projeto “Motricidade: Jogos e Brincadeiras” era constituída por 12 crianças, das quais 4 eram do sexo masculino e 8 do sexo feminino. Este era um grupo heterogéneo com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos.

O projeto de intervenção pedagógica foi implementado numa sala de jardim de infância numa escola básica inserida num contexto predominantemente rural. Esta escola está dividida em jardim de infância, primeiro ciclo e A.T.L. Ao contrário do estágio anterior, nesta sala de jardim de infância, não era empregue nenhum modelo curricular em particular. Após observação e diálogo com a educadora, foi-me transmitido que são adaptados conteúdos de algumas metodologias, aqueles que para a educadora são os mais adequados para o grupo.

Devido á situação pandémica atual, tanto a organização do espaço como a elaboração de atividades e trabalhos sofreram algumas mudanças. No entanto, o espaço estava também organizado segundo o modelo pedagógico *High-Scope*.

A sala de jardim de infância era bastante ampla, com janelas nos dois lados da sala ao longo de toda a parede, permitindo às crianças observar o espaço exterior de recreio. Por este motivo, esta era também muito luminosa o que a tornava bastante agradável e cómoda. Este espaço estava organizado por áreas: no centro estavam colocadas as mesas onde as crianças faziam as atividades individuais, em frente estava disposto um quadro de giz e no fundo da sala a mesa redonda de atividades em grande grupo. Nas laterais encontravam-se as áreas da cozinha, dos jogos, das construções, da biblioteca e das experiências. Nesta sala encontrava-se ainda uma área da informática, que consistia numa secretária com um computador e que era utilizada maioritariamente pela educadora, embora estivesse também disponível para as crianças. O grande quadro de giz exposto na sala era também uma área aberta a todas as crianças, onde lhes disponibilizavam diversas cores de giz para brincarem

livremente. Ao longo de todas as paredes deste espaço estavam afixados placares para a colocação dos trabalhos que as crianças realizavam no decorrer do ano letivo. O material que a sala disponibilizava às crianças era muito diversificado, o que proporcionava um ambiente educativo muito rico e estimulante para o grupo não só ao nível da motricidade fina, mas também da motricidade grossa. Este era utilizado, sempre que estivesse bom tempo, no espaço exterior para que as crianças usufruíssem do material e o pudessem manipular e experienciar em espaços diferentes, de forma a desafiá-los a ultrapassar determinadas situações/problemas.

Este espaço exterior era muito amplo e estava dividido em quatro zonas: a horta, o campo de futebol, o parque (com escorrega, baloiços...) e uma grande área em terra onde se encontram algumas árvores.

O grupo em que desenvolvi a minha Prática de Ensino Supervisionado era muito participativo, ativo e dinâmico. As crianças eram muito curiosas e entusiasmavam-se sempre que lhes propunha uma nova atividade. O grupo era muito acolhedor e de fácil conversa, todas as trocas de ideias incluía a participação de todos. Estes momentos tornava-os mais unidos e proporcionava-me uma melhor compreensão acerca dos gostos individuais e coletivos. Desta forma, estes debates permitiram-me propor atividades mais direcionadas com as ideias transmitidas pelo grupo.

As crianças já demonstravam ser muito independentes e autónomos na sua higiene pessoal e alimentação, mas também em pequenos momentos do dia, como por exemplo quando vestiam e apertavam a bata sozinhos ou em pares de forma a ajudarem-se mutuamente e sem o auxílio dos adultos.

A manhã iniciava-se às oito e quarenta e cinco. À medida que as crianças entravam na sala vestiam a sua bata e sentavam-se na sua cadeira até que o grupo estivesse todo reunido. Com base na lista de presenças e segundo a faixa etária do mais velho para o mais novo, era eleito o chefe do dia. Este pegava na caneta, no desinfetante e no papel e chamava um de cada vez a marcar a sua presença com um “P” e no fim desinfetava o objeto utilizado. Após a marcação das presenças, o “chefe do dia” marcava num quadro elaborado pela Educadora cooperante o tempo, a data e o número de crianças na sala. O quadro dividia ainda rapazes e raparigas de acordo com o símbolo respetivo a cada género, sendo que era também tarefa do “chefe do dia” contar o número de meninas e de meninos e colocar o respetivo número debaixo desses mesmos símbolos. Esta última tarefa foi empregue pela educadora para familiarizar as crianças mais velhas e que vão ingressar no primeiro ciclo, com os sinais de “+”, “-”, “=” e com as representações que simbolizam o sexo feminino e masculino.

Seguidamente era a hora do lanche, após o qual o grupo deslocava-se para o espaço exterior onde brincava livremente durante pelo menos meia hora, dependendo se havia tarefas pendentes ou não.

Posteriormente, às onze e quarenta e cinco, o grupo dirigia-se para a cantina após realizada a higienização. As atividades eram retomadas à uma e meia.

Durante este intervalo, entre o almoço e o início das atividades, as crianças ficavam a cargo do A.T.L. Após este tempo de brincadeiras no espaço exterior, as auxiliares questionavam a educadora se o grupo permanecia no exterior ou se os levavam para a sala. Seguido do almoço era planeada uma proposta de atividade em grande ou pequeno grupo com base nas vontades das crianças.

Para finalizar, o “chefe do dia” chamava uma criança de cada vez e questionava-a sobre o seu dia, atribuindo-lhe uma cara feliz ou uma cara triste. Esta era uma decisão exclusivamente do chefe do dia.

Focando-me nos objetivos estabelecidos no projeto de intervenção pedagógica, procurei explorar as áreas da motricidade fina e grossa, tendo sempre como base a realização de jogos e brincadeiras que não só explorassem estas áreas, mas também que se inserissem no tema da escola: Ecovalores.

O estágio permitiu-me observar, refletir, planejar e desenvolver uma melhor prática pedagógica, uma vez que a intervenção deve ser sempre refletida e adaptada ao grupo, de forma a estimular as aprendizagens.

Segundo Formosinho, “o papel do educador é o de organizar o ambiente e o escutar, observar e documentar a criança para compreender e responder, estendendo os interesses e conhecimentos da criança e do grupo em direção à cultura. A aprendizagem desenvolve-se em encontros culturais de crianças e adultos.” (Formosinho, J. & Formosinho, J., 2013, pág.13). Por este motivo, planeei atividades enquadradas nos registos diários que realizei através das observações e desta forma percecionei a importância que o desenvolvimento da exploração motora trazia para o grupo. Foi, portanto, fundamental a promoção de jogos e brincadeiras, pois são atividades naturalmente positivas e enriquecedoras nas rotinas diárias das crianças e que os envolve e auxilia no desenvolvimento de múltiplas competências como a comunicação, o raciocínio lógico e matemático, a autonomia, as relações interpessoais, o conhecimento do mundo e do meio envolvente, a lateralidade, a imaginação e o autoconhecimento.

Desta forma, a participação do adulto no desenvolvimento das capacidades motoras da criança são um auxílio insubstituível, até porque quando as crianças se relacionam e brincam com os adultos, o “seu pensamento torna-se mais complexo (...), ampliando os seus recursos de linguagem e de coordenação das suas ações com as dos seus parceiros” (Oliveira, Mello e Vitória, 2011, p. 48 cit. por Santos & Farago (2015, pág.116). Este foi mais um dos efeitos observáveis no meu estágio: o impacto

do adulto no comportamento das crianças e na forma como estas desenvolviam as atividades que lhes foram propostas.

É com base nestas premissas que procurei promover estratégias de desenvolvimento para um grupo de crianças com idades entre os 3-6 anos relativamente às suas capacidades de expressão motora e aos objetivos pré-estabelecidos no plano de intervenção pedagógica.

Neste sentido, explorei atividades relacionadas com jogos e brincadeiras, mas também que se relacionem com a temática “Ecovalores” e a situação pandémica atual, que por sua vez leva a ocasiões de isolamento familiar, o que dificulta a promoção e o desenvolvimento de objetivos propostos à faixa etária de cada criança.

Assim sendo, todas as atividades elaboradas no decorrer do projeto são possíveis de realizar fora do contexto escolar e com recurso a material reciclável.

Capítulo III - Desenvolvimento e avaliação da intervenção

3. Projeto de Intervenção Pedagógica em Creche

3.1 Apresentação

O projeto que estrutura Plano de Intervenção Pedagógica insere-se na Unidade Curricular de Estágio do 1º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar – do Instituto de Educação da Universidade do Minho. A Associação tem como tema deste ano, 2020, a “Reciclagem”.

3.2 Tema e objetivos do projeto

3.2.1 Tema

O projeto de intervenção pedagógica incorpora-se no domínio da Unidade Curricular de Estágio do 1º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar, e tem como tema: as Histórias, movimento (jogos e brincadeiras) e reciclagem, no contexto de creche (2-3 anos).

3.2.2 Objetivos

De forma a sustentar este projeto de intervenção, encimamos alguns objetivos (gerais) que pretendemos concretizar:

- Promover o desenvolvimento da autonomia;
- Promover as relações interpessoais;
- Promover o desenvolvimento da comunicação e da linguagem;
- Desenvolver o interesse e compreensão pela literacia;
- Desenvolver o raciocínio lógico-matemático;
- Promover um maior desenvolvimento da motricidade fina e grossa;
- Promover o desenvolvimento da sensibilidade musical;
- Desenvolver e valorizar as expressões plásticas;

3.3 Contexto

Este projeto de intervenção pedagógica será executado numa sala de creche, num grupo com idades compreendidas entre os 2-3 anos. Esta sala é constituída por um grupo de 20 crianças, dos quais 6 são raparigas e 14 são rapazes.

3.4 Enquadramento contextual e teórico – razões das opções tomadas

No decorrer das primeiras semanas de observação e interação com as crianças foi possível analisar os comportamentos e interesses relativamente às áreas da sala. Observamos que todas as áreas eram de grande interesse para este grupo. É de referir que a educadora estimula constantemente esse interesse das crianças por todas as áreas da sala, traz recorrentemente livros novos e retira os antigos da área da biblioteca, o mesmo faz com os brinquedos da área das construções, da casinha e dos jogos tentando ainda inserir diferentes materiais e áreas de desenvolvimento na sala.

Neste contexto de creche, a docente procura a evolução de todas as áreas de interesse e para isso renova os espaços da sala, para que o brincar seja ativado e não aborrecido. Na sala existe uma área ainda recente, o espaço do faz de conta. Numa caixa forrada a pano está algum vestuário, de forma a promover o desenvolvimento autónomo, por exemplo, quando se vestem e as relações interpessoais quando estão a jogar ao faz de conta entre eles. A competência do meio envolvente também se encontra a ser estimulada na criança ao explorar ativamente novos espaços, equipamentos e materiais, a usar objetos que lhes são familiares, a partilhar os brinquedos e materiais com os pares e a participar em jogos de grande grupo e assim sendo, o jogo “faz de conta” enriquece todas estas ações.

As atividades promovidas pela educadora têm o intuito de desenvolver a linguagem, a autonomia e a motricidade. Segundo os KDI (indicadores chave de desenvolvimento), há algumas características que contribuem para que o educador compreenda o nível de desenvolvimento da criança. No desenvolvimento físico e de saúde eles manifestam a aquisição deste indicador chave quando conhecem o seu corpo e sabem como movê-lo no espaço (consciência corporal).

No conhecimento da linguagem, literacia e comunicação, é visível a evolução deste KDI quando a criança compreende a linguagem (compreensão), expressa-se através da linguagem (fala), usam uma variedade de frases e palavras (vocabulário) e usam o português e a sua língua materna, inclui a linguagem gestual (dupla aquisição da linguagem). Na aptidão do raciocínio matemático, a criança revela que se está a desenvolver quando demonstra que sabe contar, combinar e separar quantidades de objetos.

Relativamente aos indicadores chave das artes criativas a criança indica uma evolução na área das artes, na música e no “faz de conta” expressando e representando o que observam, imaginam, pensam e sentem com base nas diversificadas áreas.

Durante o tempo de observação, constatamos que a maioria das crianças ainda não desenvolveu a motricidade fina e grossa, estão na fase de desenvolvimento, esta é a área em que apresentam maior dificuldade. Desta forma, consideramos relevante integrar no projeto pedagógico a motricidade simultaneamente com as áreas de desenvolvimento de interesse para as crianças.

A motricidade refere-se, portanto, a sensações conscientes do ser humano em movimento intencional e significativo no espaço-tempo objetivo e representado, envolvendo percepção, memória, projeção, afetividade, emoção, raciocínio (...) A motricidade configura-se como processo, cuja constituição envolve a construção do movimento intencional a partir do reflexo, da reação mediada por representações a partir da reação imediata, das ações planejadas a partir das simples respostas a estímulos externos, da criação de novas formas de interação a partir da reprodução de padrões aprendidos, da ação contextualizada na história – portanto, relacionada ao passado vivido e ao futuro projetado – a partir da ação limitada às contingências presentes. (Filho, 2010). A manipulação de objetos revela-se, também, fundamental no desenvolvimento da motricidade fina. O desenvolvimento da motricidade fina insere-se no quotidiano do jardim de infância, onde as crianças aprendem a manipular diversos objetos (Caixinha & Caixinha, 2015).

Para a criança a motricidade (grossa e fina) é sua realidade natural e espontânea. O desenvolvimento motor das crianças deve ser estimulado desde muito cedo, proporcionando "ocasiões de exercício da motricidade grossa e também fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu corpo " (Ministério da Educação, 1997, p. 58). No contexto de creche é fundamental que o meio educativo estimule estas competências, para que desde cedo comecem a ser adquiridas pelas crianças. É importante que se construa uma motricidade diversificada e que se proporcionem atividades para o desenvolvimento, nas diferentes áreas de interesse, das crianças. Desta forma, para o processo de aquisição e desenvolvimento destas competências tem de existir um estímulo e estratégias por parte do meio envolvente da criança, para que ela seja capaz de saltar, correr, rodopiar, deslizar, rastejar e andar.

A importância da realização de jogos sociais e expressivos, do desenvolvimento das ações espaciais (direções, fora/dentro), da exploração e evolução dos sentidos (baixo, alto, em cima, em baixo) do domínio de movimentos corporais para que conheça todas as potencialidades do seu corpo e a participação em jogos coletivos promove a evolução de algumas competências ou resultados na

criança, como o desenvolvimento do sentido de si próprio, da autonomia, das relações interpessoais, da comunicação e linguagem, do raciocínio lógico-matemático e da motricidade grossa e fina. A motricidade é uma competência fundamental, através do movimento podemos analisar como a criança se encontra num dado momento, pois demonstram se estão alegres, nervosos, tristes e demonstram-na na forma como se movimentam e relacionam com os pares. Assim sendo, considero que os jogos e brincadeiras são atividades de grande destaque na evolução de uma criança. Nestes momentos ela é estimulada a conhecer e explorar o seu corpo para o dominar e se tornar autónoma.

Segundo alguns autores da pedagogia infantil, a atividade lúdica ajuda a desenvolver a capacidade criativa da criança, atuando como uma atividade orgânica e ao mesmo tempo prazerosa para a criança, já que a brincadeira proporciona uma melhor qualidade de vida escolar. Auxiliando na autorrealização e ao mesmo tempo na interação com o grupo social que a cerca. Para ele, a prática de brincadeiras é um dos mais eficazes instrumentos que permitem a interação do interior da criança com o mundo exterior.

Assim sendo, cabe ao educador mediar as situações, aproveitando para interagir e transmitir conhecimentos através da brincadeira que ali se desenrola, uma vez que o lúdico possibilita uma das atividades mais significativas para a aprendizagem. Assim, através da atividade lúdica é possível desenvolver algumas competências específicas das variadas áreas de desenvolvimento individual.

Da mesma forma que é essencial estabelecer desde cedo um contacto com a motricidade o mesmo acontece com a literacia, comunicação e linguagem, o raciocínio, a expressão musical e plástica. Por este motivo, é relevante estabelecer uma ligação entre as variadas competências. Durante uma atividade em que se esteja a trabalhar variadas áreas a criança deve conseguir comunicar espontaneamente com os pares e adultos e compreender a informação que lhe é transmitida, como por exemplo quando se diz “atrás”, “à frente”, “dentro”, “em cima” (...). Também é essencial que a criança memorize e siga instruções, para isso tem de desenvolver o raciocínio a partir de estímulos do adulto, ao revelar uma boa orientação espacial em relação a si e ao meio, ao diferenciar objetos com base em grandezas (grande/pequeno) e atributos (cor) e ao conseguir identificar algumas cores primárias ou secundárias considera-se que esta área está a ser bem desenvolvida. Relativamente à competência de expressão musical, é visível a fase de aquisição quando as crianças cantam em grupo e acompanham a música com gestos, conseguem identificar e imitar sons do meio envolvente, acompanham ritmicamente as canções com a produção de sons corporais (palmas, bater os pés...) e dão as mãos aos colegas para formar uma roda e dançar a som da música. No que diz respeito à área de expressão plástica, são notórias algumas competências quando este domínio está a desenvolver-se.

A criança demonstra interesse pela exploração dos materiais de pintura, de colagens e de modelagens, dão significado às suas criações plásticas, realiza desenhos e pinta livremente.

Assim sendo, é de salientar a importância de todas as competências anteriormente referidas diretamente ligadas com a motricidade. Durante o estágio pretendo realizar diversas atividades motoras lúdicas com referência aos contextos literários, musicais, plásticos e de raciocínio.

3.5 Estratégias de intervenção

Todo o ambiente em creche deve apoiar-se numa metodologia construtivista da aprendizagem. A criança deve ser estimulada e considerada como um aprendiz ativo, que aprende através de atividades que ele mesmo planeia, desenvolve e sobre as quais reflete. O ritmo de desenvolvimento de cada criança deve ser sempre respeitado pelo adulto e considerado o ponto base para qualquer atividade. O ambiente educativo promovido pelo educador/a deve basear-se no desenvolvimento da autonomia, da liberdade com limites e respeito pelo desenvolvimento natural das habilidades físicas, sociais e psicológicas da criança.

As estratégias pedagógicas que vamos desenvolver seguem os seguintes objetivos:

- Promover o gosto pelas diversas áreas de desenvolvimento;
- Promover o desenvolvimento individual de competências específicas;
- Estimular o progresso da motricidade como apoio no dia a dia das crianças;
- Conhecer as cores e identificar os ecopontos;

As estratégias pedagógicas que utilizaremos para desenvolver estes objetivos são:

- Atividade sobre a reciclagem, com o intuito de identificar os diferentes ecopontos e os objetos apropriados a cada um deles;

- Atividades de mobilidade dificultada, para fomentar a motricidade grossa;
- Atividade de composição rítmica;
- Trabalhos manuais;
- Compreensão oral de um conto sobre a reciclagem;

Os objetivos de investigação deste projeto são:

- Desenvolver nas crianças maior autonomia ao nível da motricidade fina e grossa;
- Reconhecer os resultados obtidos ao nível do ritmo, da compreensão de textos literários e da motricidade fina relativa às expressões plásticas;

Estratégias pedagógicas	1ª semana	2ª semana	3ª semana	4ª semana
Manipulação de instrumentos e aquisição da composição rítmica. Domínio da expressão musical.		X		
Exploração de um livro sobre a reciclagem. Ouvir o conto e em grupo deslocarem-se para realizarem o que a história lhes conta. Domínio da expressão oral e escrita.				X
Com arcos da cor dos 3 ecopontos, as crianças terão de colocar material dentro do respetivo arco. Desenvolver o conhecimento das cores, e a que objetos estão associadas. Domínio da expressão motora.			X	
Realização de trabalhos manuais com a reutilização de objetos para a atividade do Domínio de expressão musical, construção de instrumentos. Domínio da expressão plástica.	X			

4. Avaliação geral do projeto em contexto de Creche

Dado o ano atípico em que ocorreu a prática supervisionada em creche, o projeto de intervenção pedagógica não foi posto em prática, uma vez que a instituição fechou devido à pandemia. Contudo ao longo das observações que realizei aprendi muito com a educadora que se disponibilizava a explicar todo o processo de elaboração das atividades semanais e a avaliação das mesmas.

No contexto de creche iniciei as minhas reflexões para a prática pedagógica com base nos momentos que observava ao longo do dia e das necessidades que as crianças apresentavam. Foquei-me em três temáticas que retirei das minhas reflexões diárias e que achei importante desenvolver com o grupo. A motricidade surgiu com base nos estímulos que lhes eram propostos diariamente e aos quais eles se demonstravam motivados e entusiasmados. Deste ponto de vista surgiu a ideia de envolver na motricidade, histórias, jogos e brincadeiras. Esta abordagem surgiu devido às insistências diárias por parte das crianças em lhes contar histórias, recorrentemente, nos momentos de brincadeira

livre. Já no espaço exterior procuravam os adultos para lhes propor jogos ou entrar nas brincadeiras deles. Por fim a temática da reciclagem surgiu em consonância com o tema da instituição no corrente ano letivo. A inclusão desta abordagem no projeto de intervenção pedagógica tinha como objetivo desafiar o grupo a reutilizar material para lhes dar uma nova utilização, como material para jogos, brinquedos, livros, fantoches e ainda enriquecer a motricidade fina enquanto elaboravam as suas obras de arte. Desta forma, potencializava as crianças desde cedo a consciencializarem-se para a problemática ambiental, inserindo nas rotinas de creche algumas práticas mais sustentáveis.

5. Projeto de intervenção pedagógica em Jardim de Infância

5.1 Apresentação do Tema

O presente projeto de intervenção pedagógica supervisionada, intitulado: Motricidade - Jogos e Brincadeiras que decorre no ano letivo 2020/2021, insere-se no âmbito da unidade curricular de estágio em Jardim de Infância, no segundo ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar, do Instituto de Educação da Universidade do Minho.

Este projeto tem por base as observações efetuadas e fundamentadas com base nos interesses, nas competências e nas motivações das crianças.

A seleção desta temática para implementar no presente projeto pedagógico surge após a reflexão consciente daquilo que foi observado em prática e das conversas que tivemos com a educadora responsável pela turma. Este grupo é muito dinâmico, perspicaz e com vontade de aprender, durante o tempo livre fiz algumas experiências para perceber melhor se este seria um tema interessante para desenvolver com o grupo, as crianças mostraram-se bastante motivados e entusiasmados.

Deste modo, o desenvolvimento da motricidade ajudará a melhorar a coordenação, a flexibilidade, a autoestima, a confiança de cada um, e também a valorização das competências individuais e coletivas. Assim sendo, serão preparadas atividades educativas baseadas nos interesses demonstrados pelas crianças.

5.2 Objetivos

- Experimentar diferentes tipos de materiais;
- Promover o desenvolvimento da criatividade e da imaginação;

- Conhecer as suas capacidades, melhorando o autoconhecimento;
- Adquirir conhecimento sobre a lateralidade (esquerda/direita);
- Promover o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade;
- Desenvolver a entreaajuda;
- Controlar os movimentos do corpo;
- Desenvolver as habilidades motoras;
- Executar movimentos de motricidade grossa e fina;

5.3 Enquadramento de Estudo

5.3.1 Enquadramento contextual

O projeto de intervenção pedagógica será implementado numa escola, mais concretamente numa sala de jardim de infância. Esta escola está dividida em jardim de infância, primeiro ciclo e A.T.L. A sala em que estou inserida é constituída por 12 crianças das quais 4 são rapazes e 8 são raparigas. Este é um grupo heterogéneo com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos. Este contexto não emprega nenhum modelo curricular em particular, em observação e após um diálogo com a educadora foi-me transmitido que são adaptados conteúdos de algumas metodologias, aqueles que para a educadora são os mais adequados para o grupo.

5.3.2 Enquadramento teórico

“O desenvolvimento motor é um subdomínio do desenvolvimento humano” (Rita Cordovil & João Barreiros, 2014, p.5). O desenvolvimento da motricidade é iniciado pelas crianças desde muito cedo através dos estímulos que o quotidiano lhes proporciona. As atividades motoras concretizadas têm de permitir à criança trabalhar em simultâneo o desenvolvimento das capacidades motoras, das coordenativas e de descoberta do seu corpo, que conseqüentemente despertam o gosto pelo movimento. A motricidade proporciona às crianças qualidade de vida e bem-estar e por isso deve ser estimulado desde cedo. As aprendizagens motoras levam a criança a progredir na aquisição das capacidades de equilíbrio, postura, perícia, manipulação de objetos, convívio e colaboração. Posto isto, a motricidade contribui para o desenvolvimento do corpo e da mente de uma forma coerente. Neste contexto da motricidade emergem os jogos e as brincadeiras.

“O jogo corre nas veias de cada criança porque é inerente à sua própria condição e, nessa qualidade, veículo tão inesgotável quão imprescindível ao seu processo formativo” (Chateau (1975), cit. por Sarmiento, et.al, 2017, p.16). O jogo é um potencial formador educativo para os mais pequenos, ele atua nas competências cognitivas, artísticas, pessoais, linguísticas, sociais, matemáticas e motoras. Por outro lado, o jogo tem também uma componente relaxante para as crianças, quando se deparam com algo que lhes interessa e se concentram nessa tarefa este momento proporciona-lhes uma reação de bem-estar e de descontração. Para além das características referidas, as crianças podem aprender a lidar com os erros e fracassos através do jogo e este apresentar uma finalidade que se pode alterar durante o processo, potencializando diversas emoções. Desta forma, o jogo possibilita que a criança se desenvolva e enriqueça a sua personalidade.

“Aceitar a derrota como simples contratempo, a vitória sem embriaguez nem vaidade, essa distanciação, essa derradeira construção no que respeita à própria ação é a lei do jogo. Considerar a realidade como um jogo, ganhar mais terreno a certos costumes sociais que fazem recuar a mesquinhez, a cobiça e o ódio, é praticar um ato de cidadania” (Caillois (1990), cit. por Sarmiento, et.al, 2017, p.16).

Muito associado ao jogo temos as brincadeiras (“jogos desorganizados”). “A brincadeira é de extrema importância para o desenvolvimento da criança, sendo realizada através das suas interações sociais, criando assim mecanismos para o surgimento da zona proximal tão importante para o desenvolvimento cognitivo, desenvolvendo a iniciativa, oportunizando a expressão de seus desejos e internalizando assim as regras sociais” (Vygotsky (1988), cit. por Pacagnam, 2013. p. 24).

Brincar é onde as crianças imaginam e criam as suas fantasias, põe em prática as suas competências criativas e decidem a sua realidade (Silva, 2018). É nestes momentos que os adultos se apercebem das habilidades das crianças, é aqui que elas expressam os seus sentimentos e emoções e se sentem capazes e confortáveis para libertar o seu mundo interior.

5.4 Estratégias de Intervenção

Baseado nos objetivos referidos, as estratégias terão por base princípios pedagógicos que se envolvem com o desenvolvimento da motricidade e a importância do lúdico. No que respeita à dimensão investigativa do Projeto de Intervenção Pedagógica seguirei os princípios da abordagem da Investigação- Ação, conforme Coutinho, et.al (2009). No meu ponto de vista, esta é a metodologia mais

adequada, visto que possibilita um trabalho contínuo de observação, pesquisa e focalização e enquadra-se numa metodologia qualitativa.

A investigação-ação rege-se pelas seguintes características: participativa, colaborativa, prática, interventiva, cíclica, crítica e autoavaliativa. Pretendemos de alguma forma considerar/ experienciar estas características.

No que diz respeito à avaliação, esta permite refletir sobre a nossa prática em contexto levando-nos a questionar se as estratégias implementadas suscitaram nas crianças os objetivos e desejo inicial. De modo a realizar esta avaliação, facultarei à educadora cooperante aos encarregados de educação um documento que me dê permissão para realizar alguns registos fotográficos e de áudio.

5.5 Calendarização

Mês	Descrição
Setembro	<p>Imersão no contexto de prática pedagógica.</p> <p>Observação da criança, do grupo e do contexto.</p> <p>Início da construção do portefólio de prática pedagógica.</p>
Outubro	<p>Compreensão e análise da organização educativa, do seu projeto formativo e da comunidade envolvente.</p> <p>Entrada progressiva na ação integrada e experimentação da rotina educativa.</p> <p>Concretização do plano de intervenção: transformação no âmbito de dimensões pedagógicas específicas.</p> <p>Experimentação da rotina envolvendo planificar, agir e refletir.</p>
Novembro	<p>Observação e avaliação das aprendizagens das crianças.</p> <p>Reflexão crítica e indagadora da ação pedagógica pessoal.</p> <p>Focalização nas relações com as famílias.</p>
Dezembro	<p>Experimentação da rotina envolvendo planificar, agir e refletir.</p> <p>Observação e avaliação das aprendizagens das crianças.</p> <p>Reflexão crítica e indagadora da ação pedagógica pessoal.</p> <p>Focalização nas relações com as famílias.</p>

Janeiro	<p>Experimentação da rotina envolvendo planificar, agir e refletir.</p> <p>Observação e avaliação das aprendizagens das crianças.</p> <p>Reflexão crítica e indagadora da ação pedagógica pessoal</p> <p>Focalização nas relações com as famílias.</p>
---------	--

O Orientador Supervisor:

A Mestranda:

(António Camilo Teles Nascimento Cunha)

6. Atividades realizadas no âmbito do projeto em contexto de jardim de infância:

O projeto Motricidade - Jogos e Brincadeiras iniciou-se no dia 2 de novembro de 2020. De acordo com os objetivos estabelecidos no projeto de intervenção pedagógica, explorei as áreas da motricidade fina e grossa, tendo sempre como base a realização de atividades e jogos que não só explorassem estas áreas, mas que também se inserissem no tema da escola: “Ecovalores” de forma a promover uma atitude mais sustentável. As atividades foram planeadas com base nas observações que realizei ao longo das semanas, compreendi que o grupo manifestava bastante interesse em trabalhos manuais, mas também em jogos e brincadeiras no exterior o que nem sempre era possível. Desta forma procurei conciliar estas duas vertentes com o intuito de promover os objetivos estabelecidos. Devido à situação atual de pandemia, pensei desde o início realizar atividades que na sua maioria fossem possíveis executar em casa tendo em conta o material necessário. Visto já termos estado em isolamento executei jogos, trabalhos e brincadeiras para que, as crianças, em caso de novo isolamento, os pudessem realizar. Todos os jogos e brincadeiras aqui apresentados são possíveis de concretizar fora da escola.

6.1 Atividade N°1 – Pote da Amizade

A presente atividade decorreu ao longo do período até às férias de Natal. Inicialmente refleti sobre as intencionalidades educativas presentes nesta atividade, queria desafiar as crianças a olhar para o amigo e refletir sobre as virtudes e particularidades que observam no dia a dia. As crianças foram, ao longo do período, ditando qualidades e virtudes dos colegas. Estas mensagens foram transcritas para

papéis e depositadas nos respectivos potes de cada criança, para que cada uma pudesse ler os mesmos na noite de Natal.

Posto isto, para esta atividade cada criança trouxe um frasco de vidro de casa. Os frascos foram decorados por elas, utilizando uma diversidade de materiais que lhes foram disponibilizados. Fizeram recortes, delinearam, colaram e pintaram. No final do período, levaram para casa e leram as mensagens em família no dia de Natal.

Após a realização desta grande atividade reflito sobre a importância da manifestação de sentimentos no desenvolvimento das relações humanas esta permite também à criança refletir e olhar às particularidades de cada um.

Durante esta atividade, considero que as crianças responderam de forma positiva ao desenrolar da mesma, verificando que quando chegava o momento de iniciarmos a atividade as crianças mostravam-se sorridentes e entusiasmadas em deixar uma mensagem positiva sobre os amigos. Saliento ainda que a dada altura já era o grupo que me recordava que ainda não tinham ditado as mensagens para o “pote da amizade”, posto isto, considero que estes momentos eram importantes para o grupo e os fazia sentir entusiasmados.

Segundo Jesus & Lempke (2015), as brincadeiras estão presentes na vida das crianças desde os primeiros meses e são para elas uma forma de linguagem, de se expressar e de viver (pág.8).

“O ambiente escolar e a família contribuem eficazmente para o desenvolvimento integral ao proporcionar às crianças a interação social por meio das inúmeras atividades que favorecem, além do desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento emocional” (Jesus. R, Lempke. N, 2015, pág.13).



Figura 1: Colocação da mensagem no pote do amigo



Figura 1: Podes da Amizade



Figura 3: Embrulho do Pote da Amizade

6.2 Atividade N°2 – Jardim Suspenso

A atividade consistiu na criação de um jardim com diversas plantas e sementes, previamente identificadas e exploradas pela turma, as quais foram plantadas em diversos vasos criados e decorados pelas próprias crianças com recurso a materiais reciclados como garrafas de plástico. Os vasos ficaram suspensos em árvores do recreio e as crianças ficaram responsáveis pela sua preservação. Esta foi uma possível proposta de atividade para as crianças desenvolverem em casa com os familiares e promoverem a reutilização.

Inicialmente propus às crianças fazermos a nossa horta suspensa no espaço exterior da escola. Considerei pertinente, desafiá-los a fazermos uma horta sustentada na temática da escola “Ecovalores”. Surgiu por isso a ideia de usarmos garrafas de plástico para utilizarmos como vasos para as plantas e sementes.

Num segundo momento desafiei o grupo a explorar e a observar as variadas plantas e sementes que iriam incluir na horta. Consegui, juntamente com a educadora, adquirir uma grande variedade de plantas para que as crianças as pudessem manusear e cheirar de forma a enriquecer esta exploração

e identificarem as mesmas pelo aspeto físico e pelo olfato. Incluí sementes e plantas com raiz para que as crianças observassem as diversas fases.

Posteriormente o grupo deu cor à sua horta, pintaram e decoraram livremente os seus vasos. Para esta fase o material escolhido pelas crianças foi unânime, as tintas e o glitter.

Para finalizar a atividade, foi colocada a corda em cada vaso para o grupo os poderem pendurar na árvore e os preservar.

Um dos aspetos de reflexão na implementação desta atividade prende-se com o facto da vontade e do entusiasmo constante que o grupo manifestava em continuar a atividade. Devido a estas manifestações por parte das crianças desafiei-as a realizarem uma horta ecológica em casa com os familiares.

Considero que esta é uma atividade que promoveu “Ecovalores” nas crianças e que lhes proporcionou momentos de exploração e de aquisição de competências e conhecimentos ao nível ecológico.



Figura 4: Decoração dos Vasos



Figura 5: Exploração e plantação das plantas e sementes



Figura 6: Exploração e plantação das plantas e sementes



Figura 7: Vasos decorados



Figura 8: Vasos finalizados



Figura 9: Jardim suspenso

6.3 Atividade N°3 – Teatralização da lenda e Cestas de São Martinho

A implementação desta atividade surgiu em diálogo com a educadora cooperante com o objetivo de preparar uma atividade que se inserisse na temática do Magusto que se iria realizar no dia 11 de novembro, quarta-feira.

Numa primeira fase, procedi à leitura e exploração da lenda de São Martinho com o grupo e desafiei-os a juntarem-se em pequenos grupos para que preparassem a teatralização da lenda e a representassem para os amigos.

Seguidamente, conversei com as crianças sobre a criação das cestas para o magusto da escola. Estas foram pensadas de acordo com a temática da escola “Ecovalores” e desta forma foram criadas a partir de pacotes de leite reutilizados e folhas das árvores que se encontravam no espaço exterior da escola. Assim sendo, as crianças procederam à exploração e recolha de folhas para a decoração das cestas para o magusto escolar.

Posteriormente iniciaram a construção das cestas após recortados os pacotes de leite no formato de cesta as crianças decoraram-nas com cola branca e folhas. Depois de terminado este primeiro passo, procedi à leitura e exploração do conto da “Maria Castanha”, seguidamente o grupo iniciou a pintura do/a “Sr/a Castanha” e utilizaram uma diversidade de técnicas e materiais.

Primeiramente pintaram a castanha com cotonetes e tinta castanha, esta técnica serviu para que as crianças carimbassem os cotonetes na folha criando uma textura diferente, para a boca fizeram pequenas bolas com papel crepe vermelho e colaram-nas tal como para a parte inferior da castanha que utilizaram papel crepe castanho-escuro, por fim, para o cabelo decidiram utilizar lã, cada um selecionou a cor que queria usar.

Concluo que a atividade foi muito positiva e importante para a expressão motora e exploração de diferentes materiais. Foi uma atividade de livre manipulação e exploração de novas técnicas de pintura, uma possível proposta para as crianças realizarem em casa trabalhos manuais sem a utilização de pincéis. Esta tarefa reunião as diversas áreas de desenvolvimento, o domínio da expressão dramática, que envolve também o domínio da expressão motora, o domínio da expressão plástica, da formação pessoal e social uma vez que promoveu a autonomia e o domínio da linguagem e comunicação.



Figura 10: Exploração e aquisição de folhas no espaço exterior



Figura 11: Colagens das folhas nas cestas



Figura 12: Colagens na castanha



Figura 13: Cotonetes e tinta



Figura 14: Pintura da castanha com os cotonetes



Figura 15: Castanha decorada com texturas



Figura 16: Cestas finalizadas para o magusto escolar

6.4 Atividade N°4 – Danças da Lateralidade

Esta atividade surgiu da minha necessidade em perceber a resposta do grupo a atividades de estímulo à motricidade grossa e aquisição da lateralidade.

Inicialmente desafiei as crianças a repetir o esquema que exemplifiquei. O grupo revelou-se interessado e curioso em executar corretamente o jogo da lateralidade. Esta atividade desafiou as capacidades das crianças e desenvolveu a coordenação motora. Através deste jogo, as capacidades rítmicas e de repetição de esquemas inerentes à capacidade de reconhecer os lados direito e esquerdo foram trabalhadas ao som da música. Neste jogo a motricidade grossa (salto), a coordenação, entreajuda e o trabalho em equipa são fulcrais para o objetivo final da atividade.

Durante este jogo considero que o grupo mostrou bastante empenho, entusiasmo e concentração, o que suscitou maior interesse e vontade no grupo de continuar a desenvolver a atividade. Este é um jogo desafiante e fácil de realizar em qualquer local, o material necessário para a atividade é simples.

Para a dança da lateralidade utilizei apenas arcos, mas poderiam ser substituídos por cordas, fita cola de cor, cordões de sapatilhas entre muitas outras opções que existam em casa e que permitam delinear o esquema para o jogo.

Considero que este jogo se insere na temática “Ecovalores” da escola, pois para o esquema podem ser reutilizados materiais que estejam em desuso. Devido à situação pandémica em que vivemos esta é também uma atividade que pode ser desenvolvida em casa com as crianças e os seus familiares em necessidade de novo isolamento. Esta foi uma atividade que revelou bastante interesse por parte das crianças, uma vez que manifestaram vontade de continuar a jogar as “danças da lateralidade” ao longo do período. Saliento que os objetivos foram também atingidos nesta atividade pois foi possível observar a evolução do grupo na aquisição da lateralidade.

“A palavra lúdico refere-se a/ou que tem o caráter de jogos, brinquedos e divertimentos. É relativa também à conduta daquele que joga, que brinca e que se diverte. Por sua vez, diversos teóricos afirmam que a função educativa do jogo oportuniza a aprendizagem do indivíduo, seu saber, seu conhecimento e sua compreensão de mundo. Neste sentido, o lúdico não pode ser visto somente como diversão, o seu desenvolvimento facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento” (Ferreira (1975), cit. por Baía, 2016, pág.94).



Figura 17: Salto com os pés juntos para a direita



Figura 18: Salto com os pés juntos para a esquerda



Figura 19: Pé direito dentro do arco

6.5 Atividade N°5 – Jogo do “Rato e do Gato”

A realização desta atividade surgiu em consonância com a temática do projeto “Motricidade: Jogos e Brincadeiras”. Este foi um jogo que despertou interesse e curiosidade por parte das crianças que ainda não o conheciam.

Recorrendo ao espaço exterior da escola desafiei dois alunos, um para fazer de rato e o outro para fazer de gato. O grupo juntou-se e formou um círculo, cada par de mãos era uma cancela que abria e fechava para que o gato e o rato pudessem passar. O objetivo era que o rato não se deixasse apanhar pelo gato.

A finalidade do jogo é promover momentos de brincadeira e de expressão motora.

De acordo com Levin (1996), cit. por Silva, (2018), brincar oferece oportunidades às crianças para conseguirem controlar o que acontece e o que aprendem. Brincar com outras crianças, permite-lhes exercitar o autocontrole e desenvolver o que elas já sabem, dando a vez, cooperando e socializando com os pares.

Com a conclusão da atividade, observei que este foi um jogo adquirido pelo grupo para os momentos de brincadeiras no espaço exterior, desta forma considero que foi um desafio positivo e enriquecedor para o desenvolvimento de competências nas crianças e a qual teve um papel importantíssimo para as minhas reflexões.

6.6 Atividade N°6 – Jogo da “Bola invisível”

A atividade desenvolveu-se no espaço exterior, quando desafiei o grupo a realizar esta atividade referiram-me que este lhes era desconhecido, desta forma exemplifiquei-lhes como se executava.

Inicialmente desenhei no chão o campo traçado a meio, onde alguém se iria posicionar e apanhar as “bolas invisíveis”. O grupo encontrava-se posicionado num lado do campo, quando o jogo se iniciou tentavam correr para o lado oposto sem que quem tivesse no centro os apanhasse. Sempre que uma criança era presa ficava no centro do campo a apanhar os restantes colegas, até que ficasse apenas um.

Como a conclusão desta atividade, constatei que este jogo motivou a ajuda e o desenvolvimento da expressão motora.

Segundo Pulaski (1980) “o uso de práticas lúdicas com as crianças (...) é válido quando bem aplicado, pois, além do lazer, o lúdico é um método de desenvolvimento intelectual “(citado em Baía, 2016).

6.7 Atividade N°7 – “Regadinho”

O desenvolvimento da atividade do “Regadinho” foi concebida de forma a dar a conhecer às crianças a tradicional dança do Rancho e desenvolver um conjunto de capacidades como a motricidade grossa, a coordenação, a cooperação e a memorização de sequências.

Esta atividade durou cerca de uma semana, inicialmente dei-lhes a conhecer a música para que se inteirassem do ritmo em correspondência com os movimentos corporais. Rapidamente o grupo se ambientou e dominou por completo a música, isto é, o ritmo e a letra o que beneficiou o desenvolvimento da atividade.

Posteriormente questionei-os acerca da tradicional dança do Rancho, se conheciam, se já tinham assistido a alguma dança e se conheciam o tradicional traje minhoto. De seguida apresentei-lhes algumas imagens para que observassem os trajes dos homens e das mulheres e para que identificassem as principais peças inerentes ao traje minhoto.

Após estas primeiras trocas de ideias, iniciamos os ensaios da dança do regadinho os quais, em pares, foram assimilando a sequência de passos em articulação com o ritmo da música. Uma vez que o grupo era de doze crianças, quatro do género masculino e oito do género feminino os pares rapaz/rapariga tiveram de ser executados por rapariga/rapariga. Esta alteração foi naturalmente aceite pelas crianças, todas as raparigas se mostraram disponíveis para fazer o lugar do “rapaz” no par. Ao longo dos ensaios fomos alternando estes pares que se criaram para que todas as raparigas pudessem estar em ambos os lados, apesar de haver raparigas que já preferiam fazer o lugar de rapaz na dança. Esta decisão pessoal das crianças de entreatajuda e colaboração para com o grupo tornou a atividade mais enriquecedora pois estavam todos a trabalhar em conjunto para um objetivo comum, o de realizar a dança do “Regadinho” de acordo com os movimentos e o ritmo correto, com o intuito de mais tarde revelar aos pais a atividade que realizaram.

Para finalizar a atividade, gravamos a dança do “Regadinho” para os familiares, onde as crianças, trajadas a rigor executaram todos os conhecimentos inerentes à dança que adquiriram ao longo da semana. Esta foi uma ideia que surgiu por parte das crianças, todas se revelaram entusiasmadas com a realização da dança e por isso propuseram que as filmássemos para que os pais pudessem observar este desafio que lhes propus e o qual eles realizaram eficazmente.

Como refere Baía (2016, pág.109) “partindo do princípio de que a predisposição para brincar é parte essencial da natureza infantil, concluímos que a abordagem utilizando metodologias lúdicas possibilita transformar as aulas tradicionais em momentos de alegria e prazer.”

Considero que esta atividade foi de encontro à temática da escola “Ecovalores”, uma vez que para a realização desta dança apenas foram necessárias vestimentas comuns em conformidade com o traje tradicional. Estas roupas foram selecionadas pelas crianças e pelos seus familiares em casa, tudo o que foi utilizado para o traje eram roupas e acessórios que as crianças já possuíam, umas em desuso e outras que utilizavam diariamente.

6.8 Atividade N°8 – “Comboio às escuras”

Formaram-se dois comboios com 6 crianças cada um, cada criança colocou os seus braços nos ombros do colega da frente. De seguida fecharam os olhos à exceção do último colega da fila que deu as informações para que o comboio pudesse andar.

Tal como no código da estrada existe regras, este jogo também contém algumas. A última criança da fila definia o trajeto que o seu comboio ia percorrer e para isso todos sabiam que:

- ⇒ Toque na cabeça: andar para a frente;
- ⇒ Toque no ombro esquerdo: virar à esquerda;
- ⇒ Toque no ombro direito: virar à direita;
- ⇒ Toque com as duas mãos nos ombros: recuar;
- ⇒ Toque com as duas mãos na cintura: parar;

Esta atividade tem como finalidade a promoção da orientação espacial e o desenvolvimento da lateralidade, da expressão motora e da entreaajuda.



Figura 10: Cartaz de apresentação do grupo do rancho



Figura 21: Grupo trajado a rigor com roupas trazidas de casa



Figura 22: Posicionamento do grupo para iniciar a dança

Para Oliveira et al. (2002) cit.por Barboza (2015, pág. 10) como vimos o básico para o desenvolvimento infantil é a organização de atividades estruturadoras de interações adulto-criança, criança-criança e criança-mundo físico e social. Cabe ao educador cuidar desta organização mediadora da relação criança-meio e interagir com ela, auxiliando-a na construção de significados.

6.9 Atividade N°9 – “Desenho Mágico”

A atividade foi um desafio para as crianças que nunca tinham vivenciado uma experiência com lixívia, por este motivo sentiram-se curiosas e incentivadas a descobrir o que iria acontecer naquela folha preta em contacto com o cotonete molhado em lixívia.

Num primeiro momento procurei dialogar com as crianças sobre a atividade que iriam realizar. Posteriormente referi o material que iria ser utilizado para elaborar o desenho mágico. Primeiramente foi necessária uma folha preta A4 para cada criança, juntamente com um cotonete que serviu de lápis e um copo de lixívia para tingir e reproduzir o que a criança queria desenhar.

Concluo que o trabalho promoveu a exploração de diferentes materiais, o desenvolvimento da expressão motora e da expressão plástica.



Figura 23: Crianças molham o cotonete num copo de lixívia



Figura 24: Criança pinta na cartolina preta com lixívia



Figura 25: Desenho livre com a utilização de um cotonete e lixívia

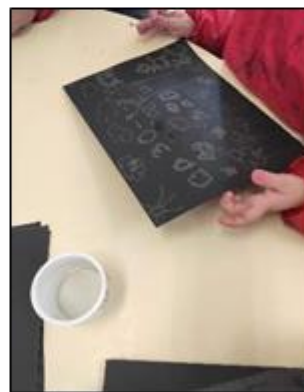


Figura 26: Desenho livre com a utilização de um cotonete e lixívia

6.10 Atividade N°10 - “Calendário do Advento”

O calendário do Advento surgiu em conciliação com a temática da escola “Ecovalores” e o início do mês de dezembro. A atividade desenvolveu-se a partir de rolos de papel higiénico onde as crianças elaboraram uma árvore de natal decorada com lápis de cera, recortes e colagens e recheada de surpresas e desafios relacionadas com as diversas áreas de desenvolvimento.



Figura 27: Recortes e colagens de desenhos natalícios



Figura 28: Pintura com lápis de cera de rolos de papel higiénico



Figura 29: Pintura de rolos de papel higiénico para o calendário do advento.



Figura 30: Calendário do Advento da sala H

6.11 Atividade N°11 – Semana das Artes

Inicialmente as crianças realizaram o registo “O meu fim de semana”, onde foram desafiadas a trabalhar com a técnica de Picasso. Foi colocada uma folha na parte de baixo da mesa, onde as crianças, deitadas no chão fizeram o registo do seu fim de semana. Esta técnica foi desafiante para as crianças pois promoveu o estímulo à motricidade fina num contexto inovador que lhes proporcionou alguma curiosidade.

Após esta primeira experiência procurei perceber o interesse das crianças por esta atividade acerca de pintores e das suas técnicas. O grupo revelou-se entusiasmado em continuar assim sendo, propus-

lhes abordar quatro pintores ao longo da “Semana das Artes”. Os Pintores que selecionei juntamente com a educadora cooperante foram Picasso, Kandinsky, Miró e Mondrian, cujas técnicas ensinámos à turma, que depois replicou as mesmas através dos seus próprios desenhos. Para cada pintor foi utilizado material distinto, de forma a diversificar e promover a exploração de materiais, desenvolver a criatividade, imaginação e autoconhecimento e de estimular a motricidade fina com técnicas de manuseamento diferente. Esta foi uma atividade que surgiu em conversa com a educadora cooperante, inserimos pintores com tópicos já familiares para as crianças.

A primeira atividade foi iniciada com o artista Picasso e para ambientar as crianças acerca deste pintor mostrei-lhes alguns quadros do artista. Conforme eles iam observando questionava-os e desafiava-os a partilhar as suas interpretações do que estavam a observar. Seguidamente e após estas primeiras trocas de ideias transmiti às crianças as características mais evidentes nas obras do pintor, a utilização de formas geométricas. De seguida as crianças iniciaram o seu desenho inspirado na obra de Picasso que promoveu o desenvolvimento da motricidade fina, da autonomia, da autoconfiança e das habilidades motoras.

No segundo dia da “Semana das Artes” as crianças foram desafiadas a explorar as obras de Kandinsky, a pintura que propus para que servisse de inspiração para a atividade integrava uma diversidade de cores e grandezas.

Assim sendo, desafiei as crianças a explorar diversos materiais, cores e objetos de distintos tamanhos. Para as pinturas e experiências das crianças foi necessário papel, tintas, marcadores, lápis de cera, pincéis, guardanapos, frascos de vidro, cotonetes, copos, tampas de cola e tampas de garrafa de água.

Por conseguinte, com o material anteriormente mencionado e disposto na mesa, as crianças iniciaram a pintura formando círculos do maior para o mais pequeno ou vice-versa, esta sequência foi realizada tanto com os objetos como com os dedos numa experiência e exploração de cores.

No terceiro dia de atividades inerentes à “Semana das Artes” inserimos um novo pintor, Mondrian. No momento de observação das obras do artista desfieei as crianças a refletirem sobre o que havia em comum nas pinturas de Mondrian. As características mais evidenciadas nas obras foram as cores primárias e as formas geométricas. Desta forma desafiei-os a pintar a sua primeira letra do nome inspirados no alfabeto de Mondrian. Para a pintura foram utilizadas as cores primárias tanto em tintas como em lápis de cor.

No quarto dia da “Semana das Artes” divulguei o último pintor que iríamos representar, Joan Miró. Inicialmente desafiei o grupo a observar e explorar as obras do artista, de forma a identificarem, tal

como nas atividades anteriores, as principais características que distinguem Joan Miró dos restantes pintores.

Inicialmente conversei com o grupo acerca de Joan Miró, expus às crianças alguns exemplares de obras do pintor. Focando-me no autor e nos seus trabalhos realcei que este recriava mundo de sonho e que o fazia como as crianças, desenhava livremente as suas fantasias e o seu mundo irreal.

Posteriormente dei lugar a uma troca de ideias entre as crianças acerca dos restantes artistas que conheceram ao longo da “Semana das Artes”, iniciei esta conversa questionando-os sobre as diferenças entre os quatro pintores e as suas principais características. Esta partilha serviu para relembrar as pinturas que as crianças tinham concretizado e o material que utilizaram para cada uma. No momento seguinte as crianças observaram a pintura que iriam representar de Joan Miró. Mais uma vez desafiei-os a explorar técnicas diferentes de colorir as pinturas e manusear objetos e materiais distintos. Nesta pintura as crianças utilizaram cola, tesoura, fio, lápis de cera e papel celofan (com diversas cores).

Para finalizar a “Semana das Artes” elaboramos na sala o “Mural das Artes” com as representações das obras dos pintores realizadas pelas crianças. Esta foi uma sugestão concebida pelo grupo que se mostrava entusiasmado com o resultado da semana. A atividade teve o propósito de responder às sugestões e vontade do grupo, que se revelou sempre muito empolgado nas atividades ligadas às pinturas e de promoção à motricidade fina.

Em forma de conclusão da “Semana das Artes” desafiei as crianças a refletir sobre a mesma e a expressar a sua opinião. Iniciei este diálogo inserindo algumas questões com o intuito de promover uma troca de ideias acerca da atividade. Sugeri às crianças que me respondessem a estas questões introdutórias: “Gostaram das atividades que realizamos?”; “Querem conhecer mais artistas?”; “Qual foi o artista que mais gostaram de trabalhar?”. Esta partilha concluiu a atividade centrada nas obras de Picasso, Kandinsky, Mondrian e Joan Miró.

Considero que esta atividade pode ser uma opção para os familiares desenvolverem em casa com as crianças. Inserindo novos pintores, podem prosseguir com o que foi iniciado no jardim de infância e introduzir novos materiais que estejam em desuso em casa promovendo assim a temática “Ecovalores”. De realçar que na semana em que realizei esta atividade houve pais que aderiram e realizaram em casa com os filhos pinturas dos artistas abordados no referente dia.



Figura 31: Registo do fim de semana com a técnica de Picasso



Figura 32: Pinturas inspiradas numa obra de Picasso

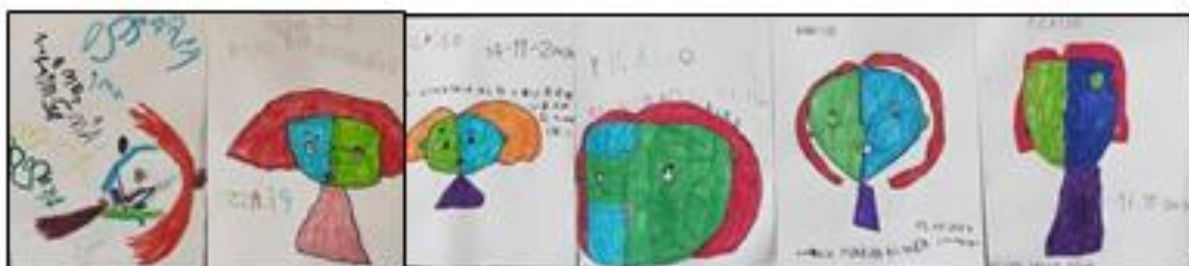


Figura 33: Pinturas inspiradas numa obra de Picasso

Figura 34: Obra de Kandinsky



Figura 35: Mesa preparada para iniciar a atividade



Figura 36: Criança pinta o objeto para carimbar na folha



Figura 37: Criança carimba a base da garrafa em forma de círculo



Figura 38: Criança pinta e carimba com uma tampa de cola com o formato de círculo



Figura 39: Criança forma círculos com os dedos e explora as cores



Figura 40: Pintura do frasco com o formato de um círculo



Figura 41: Criança carimba o frasco na folha



Figura 42: Pintura do copo para carimbar



Figura 43: Criança pinta com o dedo



Figura 44: Trabalho final inspirado numa obra de Kandinsky



Figura 45: Trabalho inspirado numa obra de Kandinsky

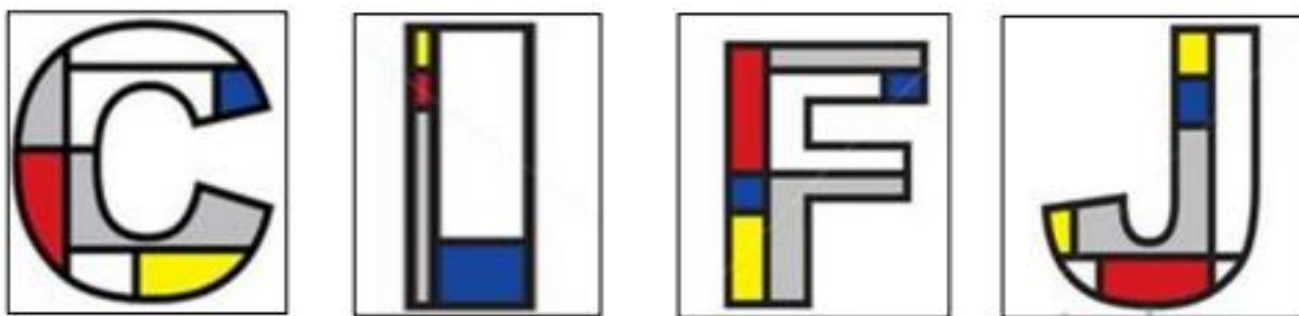


Figura 46: Alfabeto de Mondrian



Figura 47: Elaboração do trabalho inspirado nas técnicas de Mondrian com a utilização de lápis de cor e de grafite



Figura 48: trabalhos finais inspirados no Alfabeto de Mondrian

Figura 49: Inspiração para o trabalho de Joan Miró



Figura 50: As crianças fazem pinturas, recortes e colagens na elaboração do trabalho inspirado em Joan Miró



Figura 51: Trabalhos finais inspirados em Joan Miró



Figura 52: Mural das artes elaborado pela sala H

6.12 Atividade Nº 12 – Circuito

Numa fase inicial idealizei o circuito e as suas diversas fases de desenvolvimento. Este exercício fundamentou-se em atividades físicas, com o intuito de promover a motricidade grossa, mas também de incorporar brincadeiras nas várias etapas. Em cada fase observava a capacidade da criança de saltar com os pés juntos, de rastejar, de equilíbrio, de reconhecimento de diferentes cores e números e da flexibilidade.

O circuito foi realizado em pares e iniciou-se com o jogo “passo a passo” em que as crianças, com os pés em cima de duas latas e uma corda cada uma, percorreram a distância previamente estipulada. Este jogo pode ser elaborado e posteriormente realizado em casa com material reciclado, como por exemplo latas e cordões de calçado em desuso. Este jogo enriquece a capacidade de coordenação motora nas crianças e de equilíbrio.

De seguida passaram para um novo desafio em que tinham de saltar barras de distintos tamanhos sem tocar nas mesmas. Esta etapa, poderia ser substituída em casa por cordas presas em níveis diferentes ou cabos de vassoura e esfregona sustentados em plataformas com diferentes alturas. Esta fase promoveu o desenvolvimento da flexibilidade, das habilidades motoras e do controlo corporal.

No momento seguinte, criei a “teia de aranha” em que as crianças teriam de rastejar evitando os sítios mais baixos para que não tocassem na teia. Nesta etapa observei a capacidade das crianças de perceberem as zonas onde se conseguiam deslocar sem estar em contacto com a teia, promovendo também as aptidões motoras e o controlo corporal.

Posteriormente as crianças tinham disposto à sua frente quatro arcos, primeiramente tinham de saltar com os pés juntos para o arco seguinte, de seguida havia uma bola a qual tinham de atirar para dentro do arco que se encontrava à frente e por fim dentro do último arco estavam inseridas várias bolas de cores diferentes que as crianças organizaram por cores. Esta etapa fomentou a autonomia, as competências motoras, tanto ao nível da motricidade grossa como da motricidade fina e os conhecimentos pré-adquiridos pelas crianças com a educadora cooperante.

Por fim, as crianças deslocaram-se para uma plataforma onde tiveram de gatinhar e manter o equilíbrio, no fim desta etapa estava disposto um colchão onde realizaram uma acrobacia, mais nomeadamente a cambalhota. Foi possível observar que as crianças já possuíam um elevado nível de controlo corporal e de habilidades motoras. De salientar ainda a possibilidade de realização de um circuito por parte dos familiares em casa, este pode ser elaborado com os mais diversos materiais e

objetos existentes no ambiente familiar. Considero que o circuito é um desafio que favorece, promove e desenvolve várias competências nos mais pequenos.

Por fim, importa salientar que a atividade do percurso realizado em pares promoveu as relações interpessoais, o desenvolvimento da comunicação, da linguagem, o raciocínio lógico-matemático e o domínio da expressão motora.

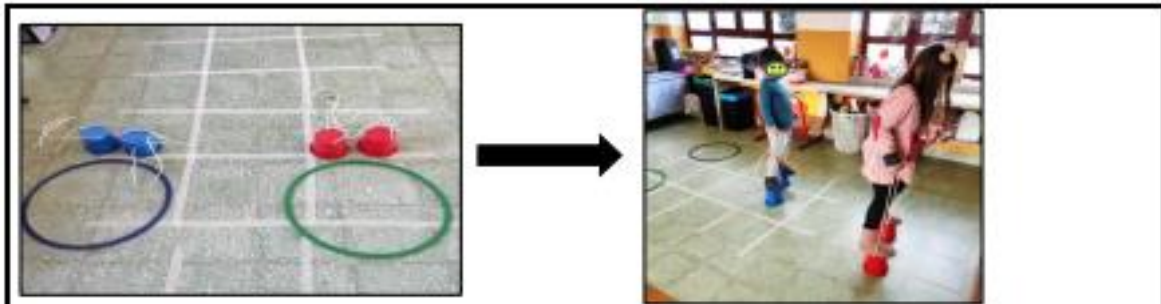


Figura 53: 1ª fase do circuito



Figura 54: 2ª fase do circuito

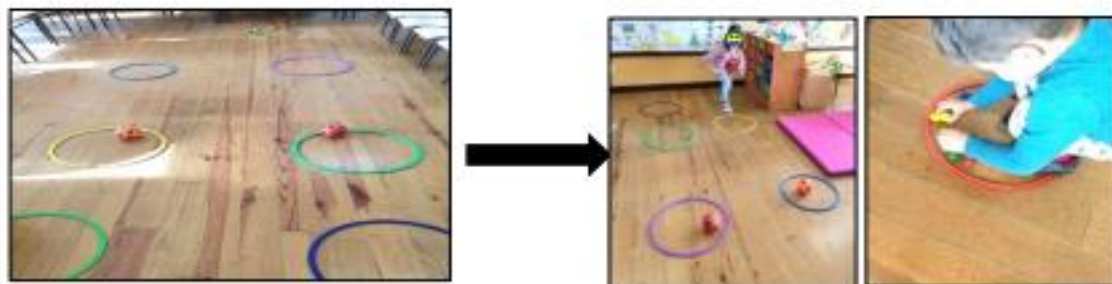


Figura 55: 3ª fase do circuito



Figura 56: 4ª fase do circuito

6.13 Atividade N°13 – Presépios

Numa fase inicial procedi à realização desta atividade em conformidade com os delineados objetivos e a época natalícia em que nos encontrávamos. Deste modo, os presépios foram construídos a partir de paus de madeira e outros materiais recolhidos pelas crianças durante uma atividade ao ar livre no recreio da escola. Estes foram utilizados para dar corpo às figuras e à cabana decorada pelos mesmos. Mais uma vez, compreenderam que é possível fazer atividades com o diverso material que encontramos no nosso dia a dia e dar-lhes uma segunda oportunidade. A atividade passou por diversas fases e sempre que possível tentei inserir na atividade de motricidade fina um passeio ao exterior para promover não só as habilidades motoras, como também procurar e explorar materiais para os trabalhos manuais, de forma a promover a temática “Ecovalores”.



Figura 57: Recolha de material no espaço exterior para a elaboração dos presépios



Figura 58: Presépios realizados pelas crianças

6.14 Atividade Nº 14 – Ornamentos

Para o desenvolvimento desta atividade foi preparada inicialmente a mesa de trabalho com o material necessário para a preparação da massa de modelar. Seguidamente, as crianças juntaram-se para observar o processo e de seguida cada uma retirou a sua parte e criou o seu ornamento.

No momento seguinte cada um retirou uma parte da massa e levou até ao lugar onde elaborou o seu ornamento para a árvore de Natal.

Posteriormente foi necessário deixar a secar os ornamentos para que, finalmente procedessem à fase final da atividade, a pintura e decoração. Por fim colocamos o fio em cada ornamento para que no Natal as crianças os pendurassem nas árvores.

Em forma de conclusão, realço que esta atividade promoveu o desenvolvimento da criatividade e imaginação, competências de manuseamento e motricidade fina, mas também a exploração de diferentes materiais. Na minha opinião, esta é uma proposta de atividade possível de se concretizar no ambiente familiar com os mais pequenos, necessitando apenas de farinha, sal, água e óleo.



Figura 59: Preparação e manipulação da massa de modelar



Figura 60: Ornamentos modelados pelas crianças



Figura 61: Pintura e decoração dos ornamentos de Natal



Figura 62: Ornamentos finais

6.15 Atividade Nº 15 – Jogo do Bowling

Para iniciar esta atividade e dando continuidade ao projeto intitulado de “Motricidade: Jogos e Brincadeiras” centrado-me também na temática da escola “Ecovalores” e na situação pandémica vivida, procurei promover e sensibilizar as crianças sobre a reutilização e propostas de atividades para praticar e construir em casa.

Deste modo, desafiei as crianças a conhecer o jogo do Bowling para que posteriormente o pudessem construir e levar para casa para jogar na noite de natal. As crianças começaram por pintar cada uma os cinco pinos que lhes foram dispostos, estes eram cinco copos de papel reutilizados que foram coloridos com lápis de cera, marcadores e tintas.

Depois de concluída esta primeira fase de elaboração dos pinos, propus ao grupo jogar entre si, para que pudessem ensinar os pais e utilizá-los na noite de Natal.

Por fim propus às crianças que não tinham uma bola em casa para executar o jogo que a criassem com um conjunto de meias até formar uma bola. Para este jogo é possível também utilizar como pinos os pacotes de leite vazios, garrafas de água, latas e entre muitos outros materiais que sejam possíveis de reutilizar.



Figura 63: Criação dos pinos para o jogo do bowling. Crianças pintam com marcadores.



Figura 64: Crianças aprendem a jogar bowling *Figura 65: Embrulho do jogo para o Natal*

6.16 Atividade N° 16 – Fantoches

Esta atividade surgiu após a observação do interesse que as crianças demonstravam quando surgia momentos de teatralização. Deste modo, iniciei um diálogo com o grupo onde questionei a vontade deles em incluir uma nova área na sala associada ao teatro. Inicialmente mostrei-lhes um conjunto de meias sem par e expliquei-lhes que as meias iriam ser o principal objeto do novo espaço da sala e seguidamente propus algumas questões: Conseguem descobrir o que vamos fazer? Que uso vamos dar a estas meias na área do teatro?

As crianças partilharam as suas ideias de como queriam criar esta área e onde a queriam inserir. Após esta primeira fase da atividade, o grupo iniciou a parte prática, primeiramente sugeriram as personagens que queriam atribuir aos seus fantoches e de seguida selecionaram o material necessário para o concretizar. Cada criança adquiriu duas meias reutilizadas e elaborou duas personagens para a área do teatro. As personagens atribuídas aos fantoches foram o lobo, cão, gato, menina, menino, príncipe, princesa, girafa, panda, leão, avozinha, mãe, capuchinho vermelho, caçador, urso e pássaro.

Para finalizar a atividade sugeri que as crianças se juntassem em pares e brincassem com os fantoches. Posteriormente apresentaram aos amigos uma história produzida por eles com as suas personagens.

Considero que consegui transmitir a ideia de que também poderiam criar uma área de teatro em casa e conseqüentemente reutilizar as meias que já não são utilizadas. Saliento também que a atividade se desenvolveu em concordância com a temática “Ecovalores” e o meu projeto intitulado de “Motricidade: Jogos e Brincadeiras” que se apoia no desenvolvimento da motricidade fina, da criatividade, da imaginação e da autonomia a progressão da linguagem e comunicação e a promoção da experiência e manipulação de diferentes materiais.



Figura 66: Processo de criação dos fantoches



Figura 67: Fantoches elaborados pelas crianças da sala H



Figura 68: Teatralização em pares com os fantoches

6.17 Atividade N°17 – Paraquedas Arco-Íris

Esta atividade surgiu em conversa com a educadora cooperante que me mostrava o material disponível para eu realizar jogos e brincadeiras com o grupo. Sugeri que esta atividade fosse realizada no espaço exterior e desta forma juntou as duas salas de pré-escolar. O jogo do “Paraquedas Arco-Íris” promove a entreaajuda, a expressão motora e as capacidades do domínio da linguagem oral e de raciocínio lógico-matemático.

No dia em que propus a realização da atividade, começamos por atirar bolas de cores diferentes para o paraquedas tendo como objetivo, em equipa, direcioná-las para a abertura que tinha no centro. Terminado este primeiro desafio, iniciamos o seguinte em que um de cada vez, sem tocar no paraquedas que se mexia por impulso do grupo, teriam de apanhar o número de bolas e as referentes cores que lhes propunha, estas encontravam-se por baixo do paraquedas. As restantes crianças mantiveram-se a abanar e a saltar com o paraquedas. Em casa a atividade pode ser realizada com um

lençol e bolas, no caso de não haver podem criá-las com meias e incluir diferentes cores possibilitando mais vertentes para explorar com a criança.



Figura 69: Crianças brincam no exterior ao jogo do "Paraquedas Arco-Íris"

6.18 Atividade N°18 – Jogo de Cintura

A presente atividade desenvolveu-se na zona exterior. Na planificação deste jogo considerei a temática “Ecovalores” em conformidade com os objetivos que estipulei no projeto idealizado e intitulado de “Motricidade: Jogos e Brincadeiras”. Deste modo, procurei promover habilidades motoras, controlo corporal, conhecimentos sobre a lateralidade, e o desenvolvimento da entreajuda. Neste jogo utilizei frascos de vidro reutilizados, uma corda e uma bola que se encontrava pendurada na cintura da criança. O controlo corporal foi bastante trabalhado nesta atividade, uma de cada vez as crianças balançavam a cintura e fletiam os joelhos de forma a estar ao nível dos frascos e os conseguirem derrubar no menor tempo possível. O grupo observava e apoiava o colega, dando dicas sobre a posição que o jogador deveria estabelecer.

Saliento a possibilidade deste jogo ser realizado em casa, com frascos de vidro reutilizados, cordões de sapatos em desuso e uma bola formada com meias.



Figura 70: Crianças brincam no espaço exterior ao "Jogo de cintura"

6.19 Atividade N°19 – Autorretrato das Emoções

De forma a familiarizar o grupo sobre o que eram autorretratos, iniciei uma troca de ideias com as crianças. A conversa iniciou-se quando lhes questionei se sabiam o que é um autorretrato, ou se já alguém lhes tinha falado ou revelado algum. No seguimento da conversa explorei as emoções, procurei saber como é que cada criança se sentia e conseqüentemente o diálogo com as crianças originou a finalidade desta atividade, explorar o autoconhecimento e as emoções de cada um.

Primeiramente desafiei as crianças a explorar e observar autorretratos de artistas conhecidos e de seguida propus que escolhessem livremente o material que queriam utilizar para pintar os autorretratos.

Inicialmente cada criança se deslocou ao espelho que se encontrava na área da cozinha. Neste momento as crianças observaram-se ao espelho e analisaram todos os seus traços e pormenores quando expressavam a emoção que estavam a sentir. No decorrer deste momento perguntei-lhes como se sentiam sendo que todas me responderam que estavam felizes. Em frente ao espelho ajudei as crianças a focarem-se nas suas feições e particularidades quando sorriam.

Propus ao grupo que decidissem o material para colorir o autorretrato, tendo sido unânime a escolha de tintas. O esboço dos autorretratos das emoções foi iniciado com lápis de grafite e por fim colorido com tintas, estas foram também exploradas pelas crianças com o intuito de descobrir e produzir novas cores.

Para finalizar, desafiei as crianças que não estiveram presentes na atividade a adivinharem de quem seria ou com quem tinha semelhanças os autorretratos que estavam a observar.

Considero que a atividade promoveu o desenvolvimento da comunicação, da motricidade fina, da criatividade, da exploração de diferentes materiais e do autoconhecimento.



Figura 71: Crianças olham-se ao espelho



Figura 72: Crianças realizam o esboço do seu autorretrato e iniciam a pintura



Figura 63: Autorretratos elaborados por duas crianças



7. Atividades complementares ao Projeto

7.1 "Caixinha das Sensações"

A proposta da atividade surgiu em consonância com as observações que estava a realizar. Inicialmente dialoguei com a educadora cooperante sobre a possibilidade de realizar a atividade, a resposta foi positiva e motivadora e propiciou da minha parte uma preparação cautelosa que fosse ao encontro das necessidades das crianças.

Em grande grupo desafiei as crianças a explorar de olhos vendados o que se encontrava dentro da caixa de cartão. Esta já estava previamente personalizada, recortei a parte de cima para que a criança que estava a jogar pudesse colocar a mão e manusear o objeto e o mesmo aconteceu na parte da frente da caixa para que o grupo também pudesse observar e participar na atividade.

Posto isto, considero que a atividade propiciou o desenvolvimento da memorização, a promoção da exploração de diferentes materiais, o desenvolvimento da motricidade fina, da lateralidade e da entreaajuda do grupo.

7.2 “O que mudou?”

Em conformidade com as observações que estava a realizar e a temática que procurava inserir no projeto de intervenção pedagógica relacionada com jogos e brincadeiras, propus á educadora cooperante a realização do jogo “O que mudou?”.

Num primeiro momento dialoguei com o grupo sobre a proposta de atividade, da qual se mostraram disponíveis e curiosos por iniciar. Desafiei duas crianças de cada vez a jogar, uma tinha de trocar objetos que se encontravam na área selecionada pelo grupo e a outra tinha de conseguir identificar os objetos que foram deslocados de sítio.

A sala é muito ampla e é constituída por 6 áreas distintas, sendo que o jogo decorreu em três dessas áreas em diferentes momentos. A atividade envolveu duas crianças, uma delas dirigia-se à área selecionada e observava atentamente tudo, posteriormente deslocava-se à sua mesa e fechava os olhos, a outra criança deslocava-se à mesma área e trocava três objetos de sítio. O grupo também foi desafiado a participar no jogo, tinham de descobrir os objetos trocados e responder quando o colega que os estava a identificar pedisse ajuda.

Este foi um jogo de estímulo à memória, que promove e desenvolve a entreaajuda no grupo. Saliento que esta foi uma atividade de interação entre as crianças, que voluntariamente a adquiriram para as suas rotinas diárias nos momentos de brincadeiras.

8. Avaliação geral do projeto em contexto de jardim de infância

“Avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. A avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento” (citado em Direção Geral Da Educação).

Em consonância com esta afirmação e refletindo acerca da minha prática pedagógica faço um balanço positivo da intervenção pedagógica desenvolvida através de diversas atividades inseridas no projeto e proporcionadas de acordo com as observações realizadas ao longo das semanas em contexto de estágio.

A implementação do projeto de intervenção pedagógica surtiu efeito positivo no grupo, detetei que as crianças, na sua maioria, atingiram os objetivos aos quais me propus promover e desenvolver. Deste modo, considero que o projeto decorreu como planeado, no entanto, existiram ocorrências pontuais em que foram precisos ajustes das atividades devido a situações imprevisíveis.

Posto isto, esta experiência de estágio foi muito positiva, desafiante e reflexiva, o ambiente da instituição propiciou o bom desenvolvimento da minha prática pedagógica, a colaboração e cooperação da educadora cooperante foram cruciais para este resultado. No decorrer da implementação de atividades as crianças sempre se mostraram muito participativas, disponíveis, empenhadas e entusiasmadas em todas os desafios que lhes propunha. Estas atitudes que as crianças demonstravam facilitaram muito o desenvolvimento do projeto no decorrer do estágio. É de salientar que este grupo demonstrou sempre uma grande capacidade de entreajuda, memorização, aquisição de conhecimentos e vontade de fazer sempre mais do que aquilo que lhes era proposto. É verdadeiramente gratificante observar a evolução do grupo ao longo deste percurso.

Num dos últimos dias em contexto de estágio, enquanto decorria uma das atividades propostas, fui surpreendida por uma criança que me dizia ter gostado de todas as atividades que realizei com eles. No meu ponto de visto, esta foi uma avaliação fundamental acerca das atividades educativas que propus ao grupo, pois tendo partido de uma criança envolvida no projeto proporciona-me uma melhor reflexão e consciencialização acerca das estratégias que procurei desenvolver tendo em conta o contexto em que estava inserida.

A profissão de educador de infância é fundamental no progresso da criança e na sua adaptação aos contextos, uma vez que, como educadores proporcionamos momentos para que a criança desenvolva relações afetivas e exprima os seus sentimentos. Ser educador é estar em constante aprendizagem, pois cada contexto é uma experiência e vivência nova que nos desafia a refletir e a adequar as nossas práticas educativas.

“A intencionalidade do/a educador/a, que caracteriza a sua intervenção profissional, exige-lhe que reflita sobre as conceções e valores subjacentes às finalidades da sua prática (...) Esta intencionalidade permite-lhe atribuir sentido à sua ação, ter um propósito, saber o porquê do que faz e o que pretende alcançar” (Romão, 2019, pág.16).

Importa referir que é fundamental o desenvolvimento da motricidade a partir de jogos e brincadeiras no contexto pré-escolar, é através destes momentos que as crianças aprendem a expressar-se e a desenvolver a linguagem. Os jogos e as brincadeiras contribuem para a formação das crianças, uma vez que, através do lúdico elas aprendem a lidar com as suas emoções, a socializar e a comunicar. Assim sendo, constata-se que os jogos e as brincadeiras possuem um papel fundamental para o desenvolvimento psicossocial da criança, contribuindo e auxiliando a aprendizagem e inclusão na sociedade.

Jesus & Lempke, (2015, pág.317) citam Marinho & Vygotsky e destacam que as brincadeiras podem estimular diversas habilidades simultaneamente, de forma lúdica e prazerosa para as crianças, além de contribuir no controlo da agressividade. Tais brincadeiras também proporcionam a aprendizagem, pois no decorrer da atividade a criança interage com o mundo a sua volta e relaciona-se com diferentes pessoas e objetos.”

Capítulo IV – Reflexão Geral da Intervenção

Os presentes projetos de intervenção pedagógica, que partiram dos interesses e vontades das crianças, foram muito enriquecedores para o meu futuro profissional e pessoal.

Durante os estágios em jardim de infância e creche, vivenciei momentos de incertezas sobre a forma como deveria implementar o projeto pedagógico. No entanto, as Educadoras Cooperantes revelaram-se sempre muito disponíveis para me auxiliar.

O estágio foi fundamental para observar as práticas educativas realizadas pelas educadoras e aprender com as mesmas a superar momentos imprevisíveis que surgem em contexto.

É importante salientar que apesar de todos os desafios a que me propus desenvolver, tive a oportunidade de ter Educadoras Cooperantes, que pela sua formação profissional e pessoal, me proporcionaram estágios muito enriquecedores. Com base nas observações dos seus métodos de intervenção compreendi e vi respondidas muitas das questões que sozinha não conseguiria encontrar respostas.

Devido à situação atual de saúde pública, os estágios sofreram algumas mudanças e foram realizados com algumas precauções e imprevistos. Por este motivo, procurei elaborar projetos com atividades que pudessem ser realizadas ou repetidas fora do contexto escolar e centradas na temática da educação ambiental.

Uma vez que não foi possível concretizar o projeto de intervenção pedagógica em contexto de creche, devido à situação pandémica atual, torna-se impossível refletir e tirar conclusões sobre o desenvolvimento do mesmo com as crianças.

No entanto, é de salientar que uma das conclusões mais visíveis no contexto de jardim de infância ao longo do desenvolvimento do projeto, foi precisamente o contentamento e a curiosidade com que as crianças exploravam e dialogavam ao longo dos desafios que lhes propunha de desenvolvimento e promoção dos jogos e brincadeiras. Foi também possível observar o entusiasmo do grupo no decorrer das atividades propostas, sendo que foi recorrente a partilha, por parte das crianças, de momentos familiares onde nos contavam que realizavam os jogos ou as atividades de estímulo à motricidade nas suas próprias casas. Por este motivo, tomei como concretizado um dos meus objetivos, procurar atividades adaptadas ao grupo em que estava inserida, de forma a proporcionar-lhes momentos divertidos e em que estes se sentissem incentivados e ao mesmo tempo que os levasse a progredir nas suas competências já pré-adquiridas.

Pessoalmente, o facto de me focar em atividades que podem ser realizadas em qualquer contexto e apoiadas em valores de incentivo à reciclagem, como por exemplo, o aproveitamento de material que existente em casa e em desuso ou que teria como destino o lixo, permitiu às crianças aliar o incentivo à consciência ambiental a um momento de diversão com amigos e/ou familiares. A exploração desta vertente suscitou no grupo curiosidade e prazer nas atividades, o que se refletiu nas partilhas e repetição de jogos que as crianças faziam na escola e em casa com a família.

Consequentemente estas partilhas promoveram uma interação com os pais, que voluntariamente divulgavam à educadora os trabalhos realizados em casa e auxiliados pelas temáticas desenvolvidas no jardim de infância.

Em suma, apesar das muitas atividades, jogos e brincadeiras que desenvolvi, sem dúvida que quem mais aprendeu fui eu, pois as crianças são um mundo gigante de criatividade, sonhos e descobertas, que nos ensinam a ser melhores para connosco e para com os outros diariamente. Sejam mais como as crianças!

Referências Bibliográficas

- Almeida, L. (2017). *O Jogo, a Motricidade e as Aprendizagens da Criança - Olhares a partir da Escola*. Acores: Universidade dos Açores.
- Baía, M & Nakayama, L. (2016). *A educação ambiental por meio da ludicidade: uma experiência em escolas do entorno do parque estadual do utinga*. Brasil. Revista Margens.
- Barbosa, S. & Botelho, H. (2008). *Jogos e brincadeiras na educação infantil*.
- Beckert, E.& Trenhago, J. (2016). *Psicomotricidade Infantil: A arte de brincar e aprender através do lúdico*. *Psicologado*. O portal dos Psicólogos.
- Caixinha, V. & Caixinha, V. (2015). *Construção da autonomia: A motricidade fina e as aprendizagens escolares*. Doctoral dissertation. Algarve: Universidade do Algarve.
- Cordovil, R & João Barreiros, J. (2014). *Desenvolvimento Motor na Infância*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Costa, A. (2013). *O desenvolvimento da Motricidade Fina –Um estudo de intervenção com crianças em idade pré-escolar*. Viana do Castelo: Instituto Politécnico de Viana de Castelo.
- Coutinho, C., et al. (2009). *Investigação-ação: metodologia preferencial nas práticas educativas*. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, pp.355-379.
- DGE. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. https://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes_Curriculares.pdf
- Filho, C. (2010). *Motricidade e aprendizagem: algumas implicações para a educação escolar*. *Construção Psicopedagógica*, pp. 53-66. Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia.
- Formosinho, J. & Formosinho, J. (2013). *Pedagogia em Participação: A Perspetiva Educativa da Associação Criança*. Porto: Porto Editora.
- Indicadores chave de desenvolvimento (KDIs) do Highscope-Pré-escolar. (2014). *High Scope Portugal*.
- Jesus, R. & Lempke, N. (2015). *Manifestações emocionais das crianças na educação infantil*. Revista Digital Fapam
- Lopes, A. (2012). *Na creche tudo acontece! Famílias envolvidas com práticas enriquecidas*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Luiz, J. et. Al. (2014). *As concepções de jogos para Piaget, Wallon e Vygotski*.
- Pellegrine, M. (2007). *A importância dos Jogos e das Brincadeiras na Educação Infantil*. São Paulo: Universidade Católica de São Paulo.

- Pacagnam, L. (2013). *O jogo como estimulação para o desenvolvimento da criança na educação infantil*. Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
- Pires, C. (2010). *Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.
- Post, J. & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ribeiro, J. (2011). *Os jogos tradicionais e os valores associados à memória e à cultura local*. Matosinhos: Esad.
- Romão, C. & Filipa, M. (2019). *O Papel do educador de infância no processo de adaptação das crianças na creche e no jardim-de-infância*. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal.
- Santos, M. & Farago, A. (2015). *O desenvolvimento da oralidade das crianças na Educação Infantil*. Centro Universitário Unifafibe.
- Sarmiento, T.et.al. (2017). *Brincar e Aprender na Infância*. Porto: Porto Editora.
- Silva, J. (2018). *(Re)Pensar com os adultos a importância de brincar*. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra.
- Zanella, A. (1992). *Zona de desenvolvimento proximal: análise teórica de um conceito em algumas situações variadas*. Universidade Federal de Santa Catarina.